



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL CONTINUADA NO ENSINO MÉDIO E O
DESENVOLVIMENTO DE UM APLICATIVO COMO FERRAMENTA
TECNOLÓGICA PARA MEDIAÇÃO DO PROCESSO DE ESCOLHA**

RAIANE RESENDE DA ROCHA SÁ

Brasília

Junho 2017

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RAIANE RESENDE DA ROCHA SÁ

**A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL CONTINUADA NO ENSINO MÉDIO E O
DESENVOLVIMENTO DE UM APLICATIVO COMO FERRAMENTA
TECNOLÓGICA PARA MEDIAÇÃO DO PROCESSO DE ESCOLHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Comissão Examinadora da Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília como
requisito para a obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Orientação da Professora Doutora Maria da Conceição da Silva Freitas

Brasília

Junho 2017

TERMO DE APROVAÇÃO

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Maria da Conceição da Silva Freitas
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Profa. Dra. Olgamir Francisco de Carvalho
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Prof. Ms.Sc. Luzia Costa
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Prof. Dr.
Suplente – Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Silvio e Sandra. Aqueles que foram bússola para me guiar, lanterna para me iluminar e sábios para me aconselhar. Gratidão a eles que alimentam meus sonhos todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus a oportunidade de desenvolver diversas habilidades na Universidade de Brasília durante o período de graduação. Devo a Ele minha vida, realização, projetos e talentos.

Aos meus pais que são a concretização deste sonho, de ingressar na Universidade Pública e concluir em tempo hábil. Eu sou produto dos valores e princípios ensinados por eles. Não teria capacidade de apresentar esse trabalho sem o apoio de vocês.

Mãe, obrigada por ter agarrado a minha mão durante esse período de formação e por ter passado as horas mais fáceis e difíceis do meu lado. Os desafios foram grandes, mas você sempre acreditou em mim e, como progenitora, exerceu papel de primeira professora! Gratidão.

Pai, obrigada por me incentivar a ser mais além do que acreditava ser possível. Pelo incentivo à leituras, por me conduzir no caminho do bem e por ser exemplo de desenvolvimento contínuo, investindo pedagogicamente através do seu exemplo!

Aos meus irmãos pelo apoio às minhas ideias malucas em relação ao tema da pesquisa. Ao Guilherme, por ter contribuído significativamente na pesquisa por meio de ponderações e pesquisas conjuntas. E ao Henrique pela paciência, amor, compreensão e carinho.

A minha orientadora Conceição pelo grande apoio e ajuda no desenvolvimento deste trabalho que foi tão extenso. Agradeço a oportunidade de ter aprendido tanto em pouco tempo. Sou imensamente feliz pela oportunidade de desenvolver um trabalho na área que eu desejava. Agradeço por comprar a minha ideia de envolver educação e tecnologia na pesquisa, mesmo diante das impossibilidades acarretadas por “n” fatores, como a falta de tempo. Obrigada por tudo.

Agradeço imensamente ao meu coorientador Caio César, professor da Faculdade de

Tecnologia, por ter aberto as portas pra mim. Grata por me receber no seu laboratório, me ouvir e principalmente por ter encarado o desafio de me co orientar mesmo eu não sendo da sua área de atuação e principalmente por ter ido comigo até o final do trabalho. Eu jamais conseguiria aprender o que aprendi sem você. Muito obrigada.

Aos meus amigos pelo apoio e credibilidade. Em especial às minhas companheiras de jornada Gileade, Thais, Sarah, Ana Catharina e Larissa pelo companheirismo e apoio indescritível. Eu não teria chegado até aqui do jeito que cheguei sem vocês.

Minha imensa gratidão a Universidade de Brasília por me proporcionar momentos incríveis desenvolvimento coletivo e individual.

“Algumas coisas o homem nunca deverá saber. Para todas as outras, há o Google.”

Autor desconhecido

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre a Orientação Profissional na era tecnológica e o delineamento de um aplicativo como ferramenta de facilitação do processo de escolha. A OP é uma ramificação da Orientação Educacional que auxilia o aluno na busca do autoconhecimento, reconhecimento das profissões e o desenvolvimento de sua identidade. A escola é responsável por auxiliar o serviço de orientação. Mas, nos últimos anos perdeu espaço e a implementação dessa matérias se dissolveu em meio a tantos outros serviços. No entanto, a necessidade dos alunos quanto a orientação não desapareceu. Comumente, alunos do Ensino Médio passam pelo processo de escolha profissional sem qualquer auxílio. Estes têm utilizado recursos diversos para suprir essa necessidade e a escola cada vez mais se abstém dessa obrigação e a família é um fator que influencia nessa tomada de decisão(SOARES, 2002). Com o advento da internet, os sites de busca têm prestado serviço de orientação. Considerando o contexto tecnológico e os recursos disponíveis, a inovação desta área é uma necessidade evidente. A OP pode ser alavancada pela junção de recursos tecnológicos com atendimento presencial nas Universidades públicas, por meio de um aplicativo que trace o perfil profissional dos alunos a partir de suas preferências, em conjunto com atendimento presencial durante todo o Ensino Médio.

Palavras-chave: Orientação Profissional, Ensino Médio, escolha profissional, recursos tecnológicos - aplicativo, perfil profissional.

ABSTRACT

This work is a study about Professional Orientation in the technological era and the design of an application as a tool to facilitate the process of choice. The OP is a branch of Educational Guidance that assists the student in the search for self-knowledge, recognition of the professions and the development of their identity. The school is responsible for assisting the guidance service. But in recent years it lost space and the implementation of these matters dissolved in the midst of so many other services. However, the students' need for guidance has not disappeared. Usually, high school students go through the process of professional choice without any help. These have used diverse resources to meet this need and the school is increasingly abstaining from this obligation and the family is a factor that influences this decision making (SOARES, 2002). With the advent of the internet, the search engines have provided guidance service. Considering the technological context and available resources, innovation in this area is an obvious necessity. The OP can be leveraged by the combination of technological resources with face-to-face attendance in the public universities, through an application that traces the professional profile of the students based on their preferences, together with face-to-face attendance throughout the High School.

Keywords: Professional Guide, High School, professional choice, technological resources - application, professional profile.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	12
APRESENTAÇÃO.....	13
PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO	
O Começo de tudo.....	16
PARTE II – MONOGRAFIA	
INTRODUÇÃO.....	23
Capítulo 1. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E A ESCOLHA MEDIADA PELA TECNOLOGIA	
1.1. Surgimento e evolução da Orientação Profissional	25
1.2. Teoria do traço e fator e a OP no Brasil.....	29
1.3. Escolha profissional	32
1.3.1. A escolha profissional e a evasão	33
1.3.2. Fatores e contextos da escolha profissional: familiar, econômico ,social e educacional	33
1.4. A orientação profissional no contexto escolar	37
1.5. A legislação educacional no ano de 2017 e os caminhos para a OP	40
1.6. A Orientação Profissional e a tecnologia da informação	43
1.6.1. Paradigmas epistemológicos para definição do aplicativo da escolha	47
1.6.2. Engenharia do conhecimento e sua relação com a escolha	49
1.6.3 . Programação orientada a objetos: a escolha profissional: Classes,objetos, UML.....	51
1.6.4. Modelo Entidade Relacionamento (MER): Entidade, Atributos, Chave Primária, Relacionamento, Cardinalidade	53
1.6.5. Diagrama de Orientação Profissional	57
1.7 OP continuada: reflexões e alternativas de uma necessidade iminente	65
1.8. O papel da intervenção pedagógica.....	66
OBJETIVOS.....	68
Capítulo 2. METODOLOGIA	
2.1. O contexto da pesquisa	69

2.2. Sujeitos participantes: alunos do Ensino Médio	72
2.3. Procedimentos metodológicos e instrumentos.....	72
Capítulo 3. RESULTADOS E ANÁLISE	
3.1. Alunos do Ensino Médio.....	73
3.1.1. Percepção dos alunos quanto a OP.....	73
3.1.2. Fatores que influenciam a escolha.....	74
3.1.3. Uso da tecnologia para escolha profissional	74
3.2. Orientadora Educacional.....	75
3.3. Resultados do questionário.....	77
3.3.1 Internautas selecionados aleatoriamente.....	77
3.3.1. Utilizam ferramenta tecnológica para informação profissional.....	80
3.4. Interesse por utilizar aplicativo de orientação profissional.....	82
Capítulo 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
III- PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	88
REFERÊNCIAS.....	90
ANEXOS.....	94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação das relações	57
Figura 2 - Representação da chave primária	58
Figura 3 - Representação do relacionamento entre objetos	59
Figura 4 - Diagrama da Orientação Profissional	61
Figura 5 - Representação dos dados do diagrama	63
Figura 6 - Relação aluno e profissão	65
Figura 7- Representação das entidades físicas	66
Figura 8 - Representação dos atributos da escola	66
Figura 9- Representação das entidades lógicas	67
Figura 10- Representação dos atributos da entidade autoconhecimento	68
Figura 11- Representação dos atributos da entidade suporte	68

APRESENTAÇÃO

Este trabalho teve como principal objetivo contribuir para a reflexão sobre a Orientação Profissional no ensino médio considerando a era tecnológica e os impactos no processo de escolha dos alunos.

O orientador é um ator idealizado no processo de escolha profissional, mesmo sem exercer o papel de Orientador Profissional. Por vezes é esperado que este profissional atende a demanda da escola, mesmo sem condições básicas para tanto. Muitas vezes também não usufruem de estrutura física, psicológica e intelectual para desenvolver projetos estruturados.

Os alunos, apesar de estarem inseridos na era tecnológica, sentem falta de recursos humanos para construir juntos a escolha profissional e se recusam a usar somente a tecnologia para OP. E se fosse possível a mescla de recursos humanos e tecnológicos na OP, muitos responderam positivamente?

Em relação a habilitação do pedagogo para desempenhar esse papel, é importante ressaltar que deve haver uma formação continuada nessa área. Pois, não é possível idealizar uma intervenção pedagógica na área sem formação específica.

Os alunos não têm acesso e a oferta de um serviço nas escolas tendo como finalidade auxiliar a escola a tornar-se um lugar privilegiado para o exercício da escolha.

A intervenção imediata nesse segmento que se perdeu dentro do ambiente educacional, é uma necessidade iminente. Pensar em OP é apreciar o futuro com segurança, sem medo. É encarar a realidade e não o contrário. É ser confrontado por suas próprias ideias, mas tendo alguém para auxiliar e indicar o caminho.

A OP continuada sugere o processo de construção do projeto de vida, que engloba o autoconhecimento, conhecimento do outro e informações das diversas possibilidades a serem encaradas.

O processo de autoconhecimento é o pilar do processo de seleção da ocupação. O conhecimento do outro apresenta aspectos sociais que corroboram com a ética e a moral social, que se relaciona com as relações de trabalho.

E por fim, a apresentação de possibilidades após a conclusão do final do ciclo da educação básica. Mostrar que não existe somente cursos superiores é um passo para retirar o peso dos alunos. Mas, se for de interesse dos estudantes, orientá-los não é uma opção, e sim uma obrigação.

Considerar a OP é ter oportunidade de desenvolver o autoconhecimento, ter acesso às diversas possibilidades após a conclusão da educação básica e é vivenciar as oportunidades que devem estar a disposição de todos.

PARTE I- MEMORIAL EDUCATIVO

1. MEMORIAL

1.1 O começo de tudo

O meu nome é Raiane e a minha história começa no ano de 1993, exatamente quando nasci. Tenho 24 anos e estou cursando o quinto ano de Pedagogia na Universidade de Brasília. Falar sobre as minhas experiências universitárias sem traçar uma retrospectiva de momentos anteriores é pular etapas importantes da minha vida que me fizeram chegar até aqui.

Minha história começa com o primeiro encontro dos meus pais, Silvio e Sandra. Eles se conheceram em Taguatinga, através de alguns amigos em comum. Pouco tempo depois, exatos dez meses de namoro, se casaram. Compraram uma casa em Sobradinho para criar os filhos em um espaço considerável. Depois de um ano tiveram o primeiro filho, o Guilherme. Eu cheguei alguns meses depois. Seis anos se passaram até a chegada do meu irmão caçula, o Henrique.

Quando alcançamos a idade de estudar, minha mãe nos matriculou na Educação Infantil. Iríamos estudar na rede privada de ensino. No entanto, ficava muito caro arcar com despesas tão altas sendo que tínhamos o ensino público, por isso a opção dessa escola, Jardim de Infância II que está localizada na quadra 3 de Sobradinho I. Em 1997 foi o ano que fui levada ao “Jardim” pela primeira vez. Aquele ambiente era totalmente novo pra mim e aquele foi o primeiro passo que dei na minha trajetória educacional.

A instituição era ótima. E lembrado o meu processo de formação, não tenho nenhuma consideração negativa a fazer. Ótima estrutura, docentes competentes e funcionários comprometidos com a formação das crianças. As atividades lúdicas eram as minhas preferidas. Tinha piscina na sexta feira, hora de conhecer colegas de outras classes e a descontração no parque. E nos dias de comemoração, as atividades eram temáticas.

Passaram-se três anos, formei na educação infantil, com direito a foto e beca. O ano 2000 marcou a minha transição de modalidade de ensino. Fui transferida para a escola ao lado, Centro de Ensino 06, onde cursei os sete anos do

ensino fundamental. No ensino médio, fui transferida para o Centro Educacional 03 de Sobradinho. Pois, no Centro de Ensino 06 não ofertavam mais o ensino médio.

Ao longo da educação básica meu pai sempre me falava a seguinte frase “você pode chegar em qualquer lugar, se você estudar”. E essa frase foi motivadora nos dias em que achava que não ia conseguir. Depois, estudando as proposições em lógica matemática, compreendi que “estudar” era uma condição para chegar nesse “algum lugar”.

Em 2010 me formei e não reconhecia sequer uma possibilidade de escolha profissional. Quando terminei o ensino médio, o ensino superior foi algo que adiei por algum tempo. Por isso, comecei a estudar para concurso.

Mesmo estudando para concurso, desejava entrar na Universidade de Brasília, pelo prestígio e reconhecimento social que o ingresso na universidade federal proporciona .

No começo foi tentador desistir do processo de adaptação à nova realidade de estudar matérias como direito e arquivologia. No ensino médio não tinha uma rotina de estudo, logo tive dificuldade em me adaptar a horários fixos de aprendizagem.

Quando encarei o desafio de aprender os conteúdos, tínhamos horários rígidos para rever conceitos e exercícios. O apoio da minha mãe foi evidente, pois estudou comigo. Eu queria ser aprovada em um concurso, mas sentia a necessidade de ter uma formação específica.

Quando as inscrições do vestibular da UnB começavam, minha mãe sempre insistia para que eu fizesse a inscrição. Em 2013 decidi prestar o vestibular e passei em primeira chamada para Pedagogia.

Apesar de ter feito a escolha do curso no ato da inscrição, a ideia de materializar essa distante realidade que era ingressar em uma Universidade Federal se realizava de forma inesperada. Logo que recebi o resultado do vestibular, tudo se complicou. Agora restava somente conhecer o curso de Pedagogia na prática. E assim, acompanhada da minha mãe, formalizei meu vínculo acadêmico com a instituição no dia 7 de março de 2013.

O primeiro semestre foi repleto de descobertas e receios. Tudo era novo e eu

não sabia administrar minha ansiedade e queria conhecer todas as áreas que poderia atuar. Nas primeiras semanas, durante a aula de Projeto I, apresentaram-nos as opções de projetos que deveríamos escolher e cumprir durante os 8 semestres.

Aos poucos, fui sendo convencida de que a área de Gestão era aquilo que gostaria de seguir. Mas, como os dois primeiros projetos eram desconexos a escolhas de áreas específicas, somente no terceiro semestre tive a oportunidade de escolher o que queria fazer.

No terceiro semestre de Pedagogia, decidi prestar o vestibular para outro curso, não só para confirmar se eu tinha escolhido certo, não queria ingressar no processo de dúvida quando já estava matriculada em um curso, como ocorre com colegas dentro do ambiente acadêmico. Indecisão foi o primeiro passo para descobrir que a área de educação era o meu lugar. Tomei a decisão mais acertada da minha vida e continuei no curso.

No semestre seguinte, não havendo oferta na área de Gestão para o Projeto 3, descobri que a professora Hélvia, da área de Orientação Vocacional Profissional estava ofertando um projeto que orientava profissionalmente alunos do Ensino Médio de escolas públicas e disse que tínhamos espaço para abusar da criatividade no processo de orientação.

Por esse motivo, dispomos de um semestre para planejar as aulas e os encontros com os discentes. Não conhecia e nem me interessava pelo tema, mas a primeira experiência com os textos sobre o assunto, me surpreendi quanto a amplitude e influência direta sobre a vida e trajetória dos alunos.

No decorrer do projeto 3 fase 1, o tema teve embasamento teórico, o que me tranquilizou bastante, pois sempre acreditei na teoria atrelada a prática docente. Após analisarmos casos de sucesso e insucesso nas dezenas de profissões que pesquisamos, descobri o quanto a escolha profissional é subjetiva e individual.

Durante os encontros tive a oportunidade de ler o texto “Orientação Profissional: Mitos e verdades” de AYUB(1999, 68-73) que foi o motivador para a minha escolha desta área da educação - Orientação Educacional.

Os relatos de experiência apresentados por AYUB(1999) incluíram, entre

outras questões, a discussão do mito da vocação, do mercado de trabalho, dos testes vocacionais, das aptidões, da realização pessoal, dos estereótipos sociais e da informação profissional, além da escolha profissional.

Nas considerações finais do texto a autora pondera a necessidade da OP dentro do ambiente escolar, como parte obrigatória do currículo. Exigindo, dessa forma, planejamento, programa, processo e monitoramento contínuo dessa ação.

Os pilares da OP enfocam autoconhecimento, informação profissional, reflexão sobre o trabalho e Projeto de Vida, que pode ser desenvolvido em múltiplos espaços, como: escolas, Universidades, clínicas, entre outras. Estudando sobre o tema, decidi fazer uma pesquisa empírica. Para a minha surpresa, descobri que ninguém do meu círculo de amizade tinha acesso a OP na escola. Incluindo as instituições privadas de ensino.

Segundo AYUB:

A orientação profissional tradicional (Frank Parsons, 1909) tem se limitado a trabalhar a questão da escolha. Uma orientação Profissional emancipadora deve trabalhar para além da mera escolha, no sentido da cidadania. Ou seja, refletir o sentido de ser um profissional numa sociedade cujos valores estão ligados à mercadorias, uma sociedade feita para o poder, a dominação e a exploração. AYUB (1999, 68-73)

Formamos profissionais para o mercado de trabalho. Este fato é irrefutável. Mas, estes trabalhadores que serão formados pelas Universidades, prestarão serviço para a sociedade, por isso, a instrução profissional deve estar atrelada ao desenvolvimento do indivíduo enquanto cidadão, contribuindo assim para uma sociedade livre, justa e igualitária, através do desenvolvimento do seu trabalho de forma consciente e prazerosa.

Na fase 2 do mesmo projeto, decidi continuar nessa área. Era a hora de atrelar o conteúdo e as pesquisas realizadas, a ação. Fomos instruídas a procurar uma escola pública, para colocar em prática o Plano que tínhamos trabalhado durante um semestre. O colégio CEAN aceitou a proposta e nos concedeu um

horário para realizarmos as oficinas.

Depois de formalizarmos nossa presença semanalmente na escola, começamos a encarar a realidade e o desafio de orientar alunos no início do Ensino Médio. Nos deparamos com muito desconhecimento por parte dos alunos, tanto das formas de acesso de ingresso no ensino superior quanto autoconhecimento.

Geograficamente, a escola divide a mesma avenida com a Universidade. Por que tanta falta de informação? Se esta escola está localizada no centro de Brasília e tem pouca informação, qual será a perspectiva do Ensino Superior nas escolas localizadas no entorno?

Depois de aplicar atividades e refletir sobre o processo de escolha, aos poucos fui me identificando com a dificuldade de optar por uma profissão para a vida. O sentimento de retrocesso temporal foi instantâneo e aos poucos fui me posicionando na realidade dos discentes. E com o reconhecimento de que existe pouca interação dos alunos com a Orientação Profissional, o desejo contínuo e progressivo de instruí-los e orientá-los foi sendo manifestado. Por esse motivo escolhi realizar essa pesquisa.

A partir dessa experiência, surgiu o interesse de estudar e querer entender as inquietações e desafios dos educandos que estão no processo de formação e, pressionados pelas circunstâncias, necessitam escolher a carreira somente no último ano do ensino médio.

Essa escolha deveria ser feita ao longo da educação básica, desde o ensino fundamental ao médio. Levando em consideração o novo homem tecnológico e a realidade virtual em que estamos inseridos, por que não fazer uso das novas tecnologias como os participantes desse processo de escolha? Os filtros e personalização do perfil de usuários da internet, como preferências de leitura seriam utilitários nesse momento.

No Projeto 4 Fase 2 a mesma temática foi aplicada aos alunos do ensino fundamental. Na Escola Classe 11 de Sobradinho, 25 crianças aprenderam um pouco sobre as profissões, construindo uma escala progressiva e atrelada à realidade deles.

Este projeto acontece na escola da região administrativa do Distrito Federal, sendo a

RA em Sobradinho, na Escola Classe 11, onde propõe-se analisar o processo de construção de carreira durante o desenvolvimento do aluno nas séries iniciais(especificamente para alunos do 2º ano do Ensino Fundamental).

A problemática do estágio explorou a seguinte questão: “Educação vocacional, uma questão de valores?”, norteando o grupo a observar práticas pedagógicas, confirmando ou não a afirmação de que as mesmas reproduzem, como isso acontece e como romper com a lógica da reprodução nas escolas, sendo o projeto do campo da educação vocacional e profissional, buscando analisar as práticas pedagógicas e observar ainda, como as relações se articulam aos valores do trabalho.

E, por fim, mostrar aos envolvidos os resultados da análise, a importância do trabalho com valores e ainda, modos alternativos de trabalhar a construção de carreiras com alunos da educação infantil.

Portanto, após acompanhar o processo de conhecimento dos alunos de séries distintas a respeito do tema, uma inquietação pessoal surgiu e o anseio de ajudá-los a traçar metas e trilhar caminhos por meio do autoconhecimento e conhecimento das profissões, que inclusive podem e devem ser trabalhados aliados ou não ao espaço formal de ensino, me impulsionou a pesquisar o tema como trabalho final de curso.

A Orientação Vocacional Profissional, combinada a tecnologia, disponível à maioria da população mundial, facilitaria o processo da escolha profissional, levando em consideração que o filtro de preferências é uma ferramenta que armazena nossas predileções. Isso inclusive, minimizaria posterior frustração quanto a área de atuação, por não partirmos do idealismo e sim da realidade apresentada.

PARTE II - MONOGRAFIA

1. Introdução

O objetivo geral da pesquisa é refletir sobre o processo de escolha profissional nas séries finais do ensino médio, discutindo a subjetividade da predileção isolada e descontextualizada, fomentando a reflexão da orientação continuada ao longo da educação básica a partir da perspectiva do homem tecnológico e as abordagens necessárias para que as ferramentas atuais sejam aproveitadas no campo educacional.

A seleção do tema surgiu pela observação de queixas constantes de pessoas que passaram, ou estão passando, pelo processo de descoberta de inclinações profissionais e egressos do ensino médio, que estão prestes a fazer escolhas.

Nos últimos anos, o acesso ao ensino médio cresceu progressivamente. Hoje, a maioria dos jovens têm vaga garantida nas escolas públicas. O acesso à Educação Básica representa possibilidade de ascensão social e acesso ao mercado de trabalho.

Segundo ROTA (2013, p. 170)

percebe-se, no entanto, que as políticas públicas e os discursos produzidos vêm, paulatinamente, seguindo em direção à maior abertura e extensão da escolarização às camadas desprivilegiadas da população. Tal abertura é engendrada, mormente, a todo um movimento da sociedade capitalista na direção da constante e necessária revolução dos meios de produção, e às diferentes formas de organização dessa produção. É neste trilho que a educação escolar passa a ser vista, de forma cada vez mais importante, como possibilidade de ascensão social.

Como a demanda maior de pessoas diplomadas, a exigência das empresas acompanhou. E o ensino médio não é mais suficiente, como há anos atrás. Profissões que exigem maior qualificação aumentam a chance de ingressar no mercado de trabalho e cursar a educação superior é quase obrigatória.

Mas, existem fatores condicionantes para fazer uma boa escolha profissional. Muitos selecionam áreas do conhecimento para iniciar o processo de especialização, e descobrem no período de formação acadêmica ou durante a prática profissional, que a realidade não corresponde às expectativas.

As objeções em relação a frustração recai sobre a falta de Orientação Profissional. A precocidade da escolha, interferência familiar, fatores psicológicos, até a relação remuneração - profissão - mercado de trabalho, são dificuldades relatadas.

O jovem, no momento da decisão do seu futuro, muitas vezes não tem claro como esse acontecimento está inserido dentro de um espaço muito maior, da ideologia subjacente a qualquer sistema social e político existente. Na maioria das vezes ele não tem conhecimento de como se dão as relações sociais e de trabalho. (SOARES, 2002, p. 44)

A pessoa que escolhe está em constante transição e o medo de fazer a escolha errada, aterroriza. São ilusões e empecilhos criados ao longo da vida. Não existe um acompanhamento contínuo do educando dentro do espaço formal.

Há dificuldade para o jovem do Ensino Médio fazer escolha profissional. Muitos finalizam a educação básica sem ter noção elementar de conceitos básicos da sociedade e sequer reconhecem o poder ideológico que conduz a figura do Estado.

O problema é que o ambiente escolar não corresponde às necessidades dos discentes. Falta um acompanhamento contínuo para ajudar na escolha profissional dos estudantes do Ensino Médio.

Capítulo 1. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E A ESCOLHA MEDIADA PELA TECNOLOGIA

1.1 Surgimento e evolução da Orientação Profissional

A Orientação Profissional surge, *à priori*, no século XX em território europeu, como catalisador de habilidades industriais, que tinha relação direta com a eficiência dos trabalhadores.

Após a revolução industrial, com o capitalismo eminente no mundo, e a produção em massa como principal objetivo de todos os países do globo para competição acirrada na economia, os operários deveriam ser direcionados a áreas específicas, onde a mão de obra fosse mais efetiva.

Frank Parsons, estado unidense, no momento de grande mudança no mundo, preocupa-se em auxiliar os jovens de sua nação no processo de escolha. Precursor da Orientação Profissional, entre os anos de 1907 e 1909, cria o primeiro centro de Orientação Vocacional Profissional norte-americano, o *Vocational Bureau of Boston* e publica o livro *Choosing a Vocation*, ambos sob sua responsabilidade, iniciando a grande saga de desenvolvimento da profissão (CARVALHO, 1995; ROSAS, 2000; SANTOS, 1977; SUPER & BOHN JUNIOR, 1970/1976).

A relação entre a OP e as concepções pedagógicas e psicológicas são grifos de Parsons. Para ele, a análise das características do indivíduo, das ocupações e o cruzamento destas informações eram importantes para auxiliar na percepção de predileções, preparando o homem à profissão. O autoconhecimento era ponto de partida.

A psicometria, nos anos de 1920, ganha força por mensurar, aparentemente, a inteligência e a capacidade intelectual dos indivíduos. Nessa época, a psicologia tem grande aceitação, por compor o cenário científico, parte das ciências da saúde, influenciou rapidamente as práticas de OP, transformando-a, até 1930, em ação (atividade) diagnóstica.

No final do século XIX as aptidões que alimentariam o mercado de trabalho,

passam pela peneira da psicometria. Este recurso era definidor de gostos e predileções. Por meio de testes desenvolvidos pela psicologia, as aptidões eram definidas e a escolha profissional se reduzia a exames psicológicos.

Nessa época, os testes psicotécnicos se tornam definidores de aptidões, e em alguns dias o diagnóstico profissional era apresentado. Concomitante com os grandes acontecimentos mundiais, a Revolução Industrial demandava mão de obra técnica e delineava o tipo de educação a ser ofertada pelos países.

Não havia espaço para o humanismo, e as ideias de administração concorriam com o ambiente educacional. E os conceitos de administração e avaliação logo integraram os currículos e as práticas pedagógicas. Por um longo período a educação ou a Orientação Profissional estava pautada na produtividade. Nesse período o orientador assumiu uma função bem específica.

Nos países industrializados, a profissão de orientador surgiu no início do século XX. Nessa altura, a orientação limitava-se a um «exame» assente numa investigação de natureza psicológica, visando facilitar a transição da escola para o emprego. (GUICHARD; JEAN 2002, p.15)

As relações de trabalho foram incluídas nos projetos das escolas, logo o aluno se restringia aquela realidade, ou, de forma forçadamente autônoma e descontextualizada, buscava formação extracurricular. O grande problema desenvolvido nesse período é que apenas a economia importava. Aos poucos descobriu-se que a escolha não era algo objetivo, mas permeado de singularidades, que testes pontuais não responderam.

Para SOARES (2002, p. 44)

A escolha não é dada como opção; não somos educados e estimulados a realmente escolher, ao contrário do que nos apregoa o capitalismo. O exercício da escolha, ou exercício da consciência, vem sendo diluído pela falta de oportunidades reais.

Somos levados a escolher o que querem que façamos. Os meios de comunicação em massa, por exemplo, apresentam ocupações que são socialmente reconhecidas e lançam tendências no campo educacional, mesmo que isso esteja separado do meio social do educando.

O homem não se reconhece no mundo. Teme o futuro como nunca antes e não enxerga sua participação ativa no processo de construção e condução da sociedade. Este é o único que consegue transformar a natureza através de seu trabalho.

O conceito de trabalho se constitui ao longo da história. “O trabalho na Antiguidade representava punição, submissão, em que os trabalhadores eram aqueles que tinham sido vencidos nas batalhas, eram escravos. A escravidão era considerada como coisa justa e necessária. Ser culto significava ser rico e ocioso”, afirmam NETO e CAVALCANTE (2013).

Por muito o trabalho era considerado função indigna e desmerecedor. Com a queda do Império Romano, a escravidão perde viabilidade. O sistema de trabalho escravo, no processo colonização de novas terras, que se baseava na subjugação do sujeito, ao longo do tempo perde forças até deixar de existir. (BUENNO, 2017)

Na Revolução Industrial, as relações de poder permanecem e o trabalho ainda apresenta resquícios de desumanidade. Apesar da grande evolução tecnológica dos maquinários, as relações de trabalho não colaboram com o ideal de condições dos trabalhadores.

Nessa época, as indústrias necessitavam gerar recursos financeiros. Os operários subsidiaram os ideais das corporações vendendo seus serviços por valores incompatíveis com a prestação de serviço.

A educação, subjugada a essa realidade de preparação de mão de obra, capital humano, para o ambiente corporativo, teve de se adequar a demanda da sociedade e a partir da adaptação de currículos voltados para a formação do profissional que seria inserido na lógica de mercado, deve se preocupar do estudante futuro trabalhador.

O modelo dominante consiste numa associação sujeito-profissão que se baseava, essencialmente, nas aptidões dos jovens. Neste contexto, o técnico era um especialista psicotécnico que se propunha convencer o consulente da legitimidade dos seus conselhos. (GUICHARD; JEAN 2002, p.15)

Ao longo do tempo, a partir de análises, a associação de predileções aos

testes psicométricos é ineficiente quando usado de forma isolada e pontual. Isso se transformou numa problemática. A psicometria apesar de ter sido instituída para mediar a escolha, o monitoramento da ação não teve eficácia dentro da realidade brasileira.

Logo, a técnica caiu em desuso e atualmente a OP busca desenvolver métodos de atender as necessidades continuadas dos alunos.

Hoje em dia, as práticas de orientação são, ao mesmo tempo, sensivelmente diferentes e muito mais diversificadas. Em primeiro lugar, já não se limitam à questão da transição da escola para o emprego. Fala-se de orientação ao longo da vida e, assim, a orientação encontrou lugar no seio da própria escola. (GUICHARD; JEAN 2002, p.15)

Hoje o trabalho é fonte de sustento, é meio de sobrevivência, é algo enriquecedor e é um potencial desenvolvedor das capacidades humanas, sejam intelectuais, sociais ou motoras. Logo, a psicometria não atende as necessidades subjetivas do homem imerso na realidade virtual.

Até 1940 não existia referência teórica relevante sobre o tema. Em 1950 Carl Rogers desenvolve uma teoria e lança o livro com um novo modelo de OP. Psicoterapia e aconselhamento, ação não diretiva e não diagnóstica difere essa fase da OP. Para o autor, o orientando, deve estar centrado no processo de aconselhamento.

Logo, surge uma nova perspectiva de orientação. Dentre grandes discussões e estudos, percebe-se que a escolha profissional não era algo isolado e descontextualizado, que acontece uma vez na vida. A opção é um momento influenciado por diversos fatores, que não determinam, mas influenciam no resultado do ato.

Donald Super, em 1952, desenvolve a ideia do autoconceito que parte do próprio indivíduo. Encara a escolha profissional como algo dinâmico, não estático e evolutivo, que é feito ao longo da vida, ultrapassando a juventude, chegando a velhice.

Para ambos, os traços de personalidade são aspectos relevantes no processo de desenvolvimento da escolha, que definirão onde o indivíduo se encaixa, que

ambiente de trabalho é mais adequado, por fim, às suas predileções.

Em 1950, a psicanálise ganha força e por vezes é confundida com a psicologia evolutiva. O processo psicanalítico é apresentado como produto da orientação.

Mas, no Brasil a OP (Orientação Profissional) chegou bem antes da teoria de Super e Rogers. Em 1942, a OP utiliza a psicologia aplicada com a criação de métodos, por parte do engenheiro suíço Roberto Mange, do Serviço de Seleção e Orientação Profissional para os alunos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo (CARVALHO, 1995). Entendida como Psicologia aplicada para WEIL (1967, p.13) “nada mais que a Aplicação dos métodos, processos e técnicas da Psicologia científica à resolução dos problemas humanos.” No Brasil, a orientação profissional ficou evidente em 1924.

Nessa época, a OP tinha finalidade de orientar o adolescente a partir de conselhos profissionais, por meio da utilização de instrumentos quantitativos, relacionado o método estatístico, como representação de gráficos com a apresentação das observações feitas. Como por exemplo, do uso dos métodos quantitativos, a frequência de determinados eventos, seria transformada em gráfico e posterior curva. No entanto, o principal instrumento da psicometria é o teste.

Binet, considerado o inventor do primeiro teste de inteligência, a base dos atuais testes de QI, foi um pedagogo e psicólogo francês. Ficou conhecido em 1880 por sua contribuição no campo da psicometria. Seu primeiro interesse foi a experimentação com métodos de associação de ideias, o associativismo, objeto de seu livro *La Psychologie du raisonnement* (1886).

No Brasil, entre 1930 e 1940 a OP se dá junto a educação e estas duas áreas dividem funções. Em 1947 o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) é criado. Com forte influência da teoria da Psicologia Aplicada, objetivava o desenvolvimento de métodos e técnicas na área do Trabalho e Educação.

1.2 Teoria do Traço e Fator e a OP no Brasil

Esta teoria psicológica parte do princípio que os traços psicológicos

individuais desenham as habilidades. A partir da personalidade do indivíduo, pode-se sugerir uma profissão que corrobore com as aptidões específicas depreendidas dos testes psicológicos. Esta ferramenta por muito tempo foi utilizada na OP, seguindo a lógica capitalista, dentro da dentro da teorias vocacionais, o bloco psicológico defendia a posição do homem. Considerando que existia habilidades específicas que eram inatas ao ser humano.

De acordo com BOCK:

A posição do indivíduo no capitalismo, não é mais determinada, pelos laços de sangue. Agora, esta posição é conquistada pelo indivíduo segundo o esforço que despende para alcançar esta posição. Se antes esta posição era entendida em função das leis naturais referendadas pela vontade divina, agora, ao contrário, o indivíduo pode, desde que lute, estude, trabalhe, se esforce, e também (por que não?) seja um pouco aquinhoado pela sorte." (Bock apud BOCK, 2001, p. 7)

Para SPARTA (2003, p. 4) “desde o seu nascimento, na década de 1920, a Orientação Profissional brasileira pautou-se pelo modelo da Teoria do Traço e Fator ; isto é, pelas ideias de que o processo de Orientação Profissional é diretivo e o papel do orientador profissional é o de fazer diagnósticos, prognósticos e indicações das ocupações certas para cada indivíduo, pautadas na psicologia aplicada; ”.

Mas, a crítica em relação a Teoria do Traço e Fator chega ao Brasil e os testes psicométricos perdem espaço. Por não apresentar com exatidão o perfil profissional. Logo, o conceito de teorias de orientação profissional, se difundiram. A Teoria de Traço e Fator é repensada e a Teorias decisórias ganham espaço, por encarar a escolha como um processo racional e analítico.

Como dizem MARTINS, GIRALDELLI, GALINDO, BIANI e SILVA(2002), as teorias de tomada de decisão carregam pressupostos da Administração de Empresas e da Economia, pautando à racionalidade nas escolhas, portanto, a decisão deve ser fruto de análise minuciosa dos elementos que interferem no processo. A racionalidade proposta a partir dessa teoria se denomina preditiva, qual seja, identificar possibilidades oferecidas e analisar suas consequências. Em seguida temos a parte avaliativa, que é o momento de considerar a "desejabilidade" das consequências listadas na etapa anterior e, por último, a etapa decisória, onde

se avaliam as decisões e finalmente chega-se a uma escolha (BOCK , 2002).

BOCK(2002) sugere uma abordagem sócio-histórica da OP. A escolha não deve se restringir a um momento descontextualizado do aluno, mas se relacionando com a ideia de Vygotsky, que concebe que o ser é dialeticamente formado a partir de suas experiências sociais e individuais. Logo, o ser completo deve ser considerado. Daí surge a necessidade da intervenção pedagógica.

Assim como na escrita “os signos representam outra realidade; isto é, o que se escreve tem uma função instrumental, funciona como um suporte para a memória e a transmissão de ideias e conceitos.” (OLIVEIRA, 1995, p.68). Traçando um paralelo sobre o conceito de signos,e, considerando a era tecnológica, a orientação pode utilizar signos computacionais para mediar o processo de escolha juntamente com atendimento presencial deste aluno.

BARDAGI *et al* (2006) desenvolveram uma pesquisa na UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul com trezentos e quarenta formandos. Este estudo teve como objetivo investigar a satisfação com a escolha profissional e as expectativas quanto à entrada no mercado de trabalho. Como resultado da pesquisa, ficaram evidenciadas as dificuldades e as incertezas dos universitários em relação à escolha profissional e à entrada no mercado de trabalho. A partir dos dados coletados, os pesquisadores ressaltaram a importância de existir um planejamento escolar adequado, bem como uma política de formação do aluno, com vistas a apresentar ao discente o mundo profissional de forma mais precoce possível.

A escolha profissional geralmente ocorre em um momento da adolescência em que o jovem precisa abrir mão de projetos antigos e das escolhas fantasistas para enfrentar a realidade (LEVENFUS, 1997). A partir dessa constatação, a maturidade para a escolha da profissão pode compreender duas dimensões: atitudes e conhecimentos. A atitude é formada por três subdimensões que são: a **determinação**, que aponta o quanto o jovem está seguro e determinado em relação à escolha profissional; a **responsabilidade**, que diz respeito a quanto o jovem se preocupa com a escolha da profissão e, por fim, a **independência**, esta reflete o quanto o jovem decide por si só, sem interferência externa.

Já no que tange a segunda dimensão, a de conhecimento, apresenta outras duas subdimensões que são o autoconhecimento, este reflete o quanto o jovem conhece de si próprio, aqui citando LISBOA(1997) “o que sou?”, e o conhecimento da realidade educativa e socioprofissional (NEIVA, 2003). Dessa forma, o profissional que atua na área de orientação vocacional deve atender as demandas atuais frente às mudanças, principalmente tecnológicas e tanto da sociedade quanto das instituições e das próprias pessoas.

A escolha profissional geralmente ocorre em um momento da adolescência em que o jovem precisa abrir mão de projetos antigos e das escolhas fantasistas para enfrentar a realidade (LEVENFUS, 1997).

Por isso a necessidade de ter OP de forma continuada nas escolas públicas, integralizando essa temática nos currículos da educação básica, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

1.3 A escolha profissional

O ensino médio é uma das etapas da educação básica que reitera diversos fatores que influenciam a escolha. É um momento ímpar na vida do jovem que escolhe.

É nesse exato momento que a pressão é multiplicada, por envolver não somente escolhas, mas rotas da vida. Não que necessariamente o aluno vai fazer escolhas eternas, mas é essa informação que é repassada.

Como é sabido, os adolescentes passam maior parte do tempo no ambiente escolar e necessitam de acompanhamento em áreas específicas do conhecimento, por se tratar de responsabilidade terceirizada a escola, como é o caso da OP.

No entanto, os orientadores, professores ou coordenadores não têm preparação necessária para aconselhar os alunos e produzir mudanças sociais que estão em constante transformação, como a escolha profissional.

Atividades de cunho pragmático estão cada vez mais distantes da realidade do aluno, o que dificulta o processo. Os discentes saem da escola esperançosos em encontrar um trabalho para ganhar dinheiro. Mas, se deparam com o mercado de

trabalho mais exigente do que nunca antes. Por vezes desconsideram suas habilidades e capacidades intelectuais, por não ter oportunidade de exercer nenhuma profissão após concluir o Ensino Médio.

A universidade, frequentemente, torna-se um refúgio de jovens, que além de não saber o que querem fazer, encaram o ambiente universitário como período de reconhecimento de sua identidade. Mas, e se esse reconhecimento fosse feito durante o ensino médio, não seria mais vantajoso?

1.3.1 A escolha profissional e a evasão

Uma pesquisa feita pela Univesia Brasil, em 2006, diz que a evasão universitária já causa prejuízos que se aproximam da casa dos R\$ 6 bilhões. Essa estimativa foi feita pelo Instituto Lobo para o Desenvolvimento da Educação, da Ciência e Tecnologia. De acordo com INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) as universidades particulares registraram evasão de 25,1%, o equivalente a 669 mil estudantes.

As instituições públicas apresentaram 12,4% de evasão, o que representa 123 mil alunos de graduação que deixaram o ensino superior. Além de fatores financeiros, a falta de conhecimento sobre a carreira leva muitos estudantes a abandonar o curso, o que sugere que um acompanhamento vocacional diferente pode ser uma das soluções para diminuir essa tendência.

Considerando este cenário, a cultura da OP continuada deve ser construída no ambiente educacional, tanto na educação básica quanto na superior, para que gastos possam ser diminuídos, as taxas de desistência venham a decair e os alunos tenham confiança do que fazer após sair da educação básica.

1.3.2 Fatores e contextos que influenciam na escolha profissional: familiar, econômico, social e educacional

No momento da escolha do curso os alunos estão vulneráveis, por diversos

fatores como pressão familiar, imposição social e pela obrigatoriedade de estar pronto a selecionar um curso que suprirá suas necessidades pessoais, desde retorno financeiro a satisfação pessoal.

Para SOARES(2001, p. 46) vários fatores influenciam na escolha de uma profissão, dentre estes fatores familiar, econômico, social e educacional. Para ela estes fatores atuam juntos: “Estes, entres tantos outros fatores determinam a escolha dos indivíduos. É importante pensar sobre eles e tentar compreendê-los em sua inter-relação”.

Fator Familiar

A família é a instituição social detentora de poder ideológico incontestável. É no seio familiar que os primeiros valores, sejam éticos ou morais, são perpassados. É nesse espaço que a consciência social se constrói. Os primeiros professores residem na família. Os pais educam a criança para viver em sociedade. E, no momento da tomada de decisão, quando possível, a família deve estar presente.

Não somente a família. Deve se desenvolver uma parceria entre escola e família. Pois, para SOUZA(2012):

A parceria entre familiares e as instituições de ensino seja a educação formal ou a técnica, é concretizada quando ambos estão unidos em um único objetivo, formar cidadãos conscientes da sociedade em que habitam, com valores éticos e morais e com uma perspectiva de um futuro promissor. (2012, p. 12)

A relação entre escola e família no processo educativo promove maior desenvolvimento do educando, pois apesar do aluno passar a maior parte do dia na escola, desde o seu nascimento a família o acompanhou. Estes atores sociais conhecem e reconhecem as habilidades e predileções do educando, facilitando o processo de aconselhamento profissional através da identificação de tendências.

Soares acredita que “as identificações do grupo familiar e o valor que as profissões assumem nesse grupo influenciam o jovem”.(2001, p. 75). Pois é

momento de escolha que a representação social da profissão pode ser transmitida ao indivíduo.

Então, se os pais são professores, provavelmente isso será considerado pelo aluno na hora da escolha. Ele utilizará o referencial dessa profissão para escolher ou não a área.

A problemática da escolha profissional começa desde a infância. Momento em que os pais projetam suas ambições nos filhos, o que pode atrapalhar na hora da escolha consciente, considerando as vontades e competências do educando.

Fator Econômico

A escolha profissional não envolve somente fatores psicológicos. A realidade do indivíduo deve ser analisada por diversos prismas, inclusive a esfera econômica. Muitos alunos têm a consciência que o trabalho após a educação básica não é uma escolha, mas uma imposição social. Para muitos a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família é imprescindível. “Essa necessidade de trabalhar para sobreviver dificulta a formação profissional do jovem”.(SOARES, 2001. p. 49). O estudante trabalhador tem dificuldade de conciliar estudo e trabalho, por questões físicas e psicológicas e financeiras.

Percebe-se a falta de integração entre aluno e ensino universitário pelo desconhecimento da natureza das instituições. Muitos acham que as Universidades Públicas cobram mensalidade. Assim, muitos recorrem às instituições privadas de ensino mesmo sem ter condições de pagar. “Esse é um dos mecanismos por meio dos quais o capitalismo funciona, isto é, a formação do estado de reserva, contribuindo para a passividade cada vez maior dos empregados.”(SOARES, 2001, p. 50).

Logo, a necessidade de aproximação dos alunos do Ensino Médio às Universidades, pois a descontextualização do aluno quanto a Universidade pode afastar o discente desse ambiente.

Fator Social

Quando a escolha da profissão é trazida à tona é importante considerar a geração que está escolhendo. Pois, cada geração têm seu perfil próprio, suas vivências, sua visão de mundo e seu contexto.

Segundo (WESTERMAN; YAMAMURA, 2007)) o termo geração faz referência a um conjunto de pessoas que nasceram em uma mesma época que vivenciaram os mesmos eventos históricos e sociais. Por isso influenciaram na construção de seus valores e crenças.

No entanto, eles não são iguais. Possuem especificidades e traços individuais. Mas, possuem semelhantes expectativas e desejos.

Esta geração que vive na era tecnológica, têm características sociais distintas. Os jovens são conectados com o mundo digital, logo anseiam por um mercado de trabalho que condiga com isso. Esperam por um ambiente conectado, rápido, flexível, aberto ao diálogo e sem horários rígidos.

E acreditam que o ingresso no Ensino Superior é uma ferramenta que alavancará sua vida financeira e fará ascender socialmente. A tecnologia influencia nesse celeridade esperada pelo educando. Pois, a ciência da informação tem respondido cada vez mais rápido aos usuários.

Fator Educacional

Diz LIBÂNEO (2000, p. 9) que:

“Não dizemos mais que a escola é a mola das transformações sociais. Não é, sozinha. As tarefas de construção de uma democracia econômica e política pertencem a várias esferas de atuação da sociedade, e a escola é apenas uma delas. Mas a escola tem um papel insubstituível quando se trata de preparação das novas gerações para enfrentamento das exigências postas pela sociedade moderna ou pós-industrial, como dizem outros. Por sua vez, o fortalecimento das lutas sociais, a conquista da cidadania, dependem de ampliar, cada vez mais, o número de pessoas que possam participar das decisões primordiais que dizem respeito aos seus interesses. A escola tem, pois, o compromisso de reduzir a distância entre a ciência cada vez mais complexa e a cultura de base produzida no cotidiano, e a promovida pela escolarização. Junto a isso tem, também, o compromisso de ajudar os alunos a tornarem-se sujeitos pensantes, capazes de construir elementos categorias de compreensão e apropriação crítica da realidade.

A escola, de acordo com o autor, é um espaço que promove transformações em diversas áreas. E a esfera social e profissional é um fator que a escola deve trabalhar. Mas, relações de dependência entre dois fatores dificultam o processo de formação.

Um deles é o isolamento da escola e do processo de formação dentro da própria escola. A família não se envolve com o processo de formação, o estado se esquia dessa obrigação e o espaço formal fica sobrecarregado de funções que fogem o objetivo principal, que é desenvolver o conhecimento científico.

A escolha profissional perpassa o ambiente escolar. E o ambiente formal é propício para o desenvolvimento de projetos considerando que a maioria que faz parte do corpo institucional, são formados ou estão em formação.

Desse modo, a Orientação Profissional no contexto escolar, além de poder ter uma perspectiva preventiva, pode ser uma intervenção para a promoção de saúde, visto que pretende trabalhar, a partir das relações sociais do indivíduo, a compreensão e transformação delas, além de capacitá-lo a agir de modo a transformar a realidade que o cerca e superar os obstáculos que dela advêm (BOCK & AGUIAR, 1995).

Superar obstáculos dessa era tecnológica é um grande desafio. Pois, apesar de estarmos presenciando mudanças concretas na educação, o ser social é o mesmo. O aluno carrega necessidades básicas, que devem ser supridas pela escola.

1.4 A Orientação Profissional no contexto escolar

A OP desempenha uma função diferente dos séculos anteriores. Para SOARES (2002, p. 45) “as atuais práticas de orientação têm uma perspectiva mais ampla do que a simples questão da inserção e das transições profissionais. “

A proporção de Orientadores por aluno é outro questionamento. Considerando o cenário atual da esmagadora maioria das instituições de ensino, sejam estas públicas ou privadas, é que existem poucos profissionais para trabalhar com dezenas de alunos.

Quando ofertam a OP, esta é descontextualizada da realidade dos alunos e da sociedade, o que transforma a ação em pseudo orientação.

Primeiramente, o processo de OV não pode ser realizado de maneira descontextualizada; caso seja, não atingirá a sua finalidade. Alguns profissionais ainda se limitam a aplicar testes psicológicos, não confrontando os resultados com outras técnicas. Ao dar um resultado não corroborado ou incompleto ao adolescente, o profissional estará desqualificando a psicologia como um todo e podendo comprometer o processo de escolha de um adolescente.(ANDRADE et al. 2002)

FERETTI (1981, p. 91) afirma que “ é preciso que a Orientação Vocacional se realize no âmbito de uma instituição social mais ampla, a escola, que é um dos instrumentos pelos quais a sociedade se propõe a obter a reprodução de suas próprias expectativas, crenças, convicções e valores. ”

No decorrer da trajetória educacional, desde educação infantil ao ensino médio, somos desafiados a escolher uma profissão para a vida. Nas primeiras séries do ensino fundamental idealizamos o que queremos ser “quando crescer”, mesmo sem nenhuma orientação adjetivada em técnicas específicas para isso.

Para BOHOSLAVSKY

“O que hoje está em jogo não é só o futuro do jovem que orientamos. Seu amanhã depende do país do qual faz parte; e por círculos que se ampliam, atinge o próprio futuro da humanidade. Qual é o papel que nos cabe, enquanto cientistas e enquanto pessoas, na luta em favor da liberdade e em prol de um futuro mais humano para o Homem?” (1979, p. 21-22).

Na infância, as profissões são reproduzidas em brincadeiras de grupo, logo algumas ocupações são conceituadas como “sucesso de vida”, sem conhecimento prévio do que é atuar como tal. Percebe-se descontrole, ansiedade, receio e vários outros sentimentos quando o aluno é provocado a optar. A escolha profissional é arrastada até o último ano do Ensino Médio, por não fazer parte da realidade dos alunos durante o processo de formação. Estes não se reconhecem atores participantes do ensino superior, dentre outros fatores, por escolherem um curso somente no dia da inscrição do vestibular, sem qualquer reflexão, pela falta de orientação profissional ao longo da trajetória escolar.

Segundo FANTINO (1985, p. 34) “no orientador são depositados aspectos idealizados de seu papel, uma projeção massiva que atribui características onipotentes e mágicas. O orientador seria o que tem possibilidade de prever o futuro , de garantir o êxito da escolha, quem possui a ciência e os instrumentos

necessários para decidir." No entanto, não existe mágica para a orientação. Existem recursos facilitadores da OP, que delineiam estratégias de ação. Os objetivos traçados para a orientação devem considerar, necessariamente, o momento político, social e tecnológico,

GUICHARD (2002, p.15) diz que os "diferentes desenvolvimentos das práticas de orientação parecem determinados pela evolução da situação na qual se realizam. Compreender as suas transformações, avaliar a pertinência desta ou daquela num dado momento, por questões acerca das suas possíveis evoluções exige, por isso, que sejam situadas no seio das sociedades em que se desenvolvem."

Considerando as transformações que a OP deve acompanhar, o contexto tecnológico é imponente? Media nossas relações sociais, administra nossos arquivos online

o ciberespaço é concebido e estruturado de modo a ser, antes de tudo, um espaço social de comunicação e de trabalho em grupo. Portanto, o saber já não é mais o produto pré-construído e "mediaticamente" difundido, mas o resultado de um trabalho de construção individual ou coletivo a partir de informações ou de situações midiaticamente concebidas para oferecer ao aluno ou ao estudante oportunidades de mediação. (ALAVA, 2002:14).

O Ciberespaço: um Dispositivo de Comunicação e de Formação Midiatizada. Nesta proposta, comunicação midiatizada (dispositivo tecnológico), midiatização (conteúdo) e mediação (relação) distinguem-se conceitualmente, entretanto, complementam-se enquanto processos, dispositivos midiáticos. O autor considera ainda, que o desenvolvimento do uso pedagógico de dispositivos midiáticos e do ciberespaço em particular interage de diferentes formas, graus e lógicas, entre os universos: técnico, semiótico e social ou relacional.

A tarefa de escolher deve ser contínua e progressiva, mesmo que isso implique morosidade do processo. Durante o período de formação educacional, que representa uma grande parcela de tempo de vida dos indivíduos, o espaço formal se esquia de orientar os alunos no quesito profissional.

A promoção da autonomia é algo distante do processo de formação educacional. Esse problema é maximizado no momento da escolha profissional, pois os alunos foram ensinados a depender do professor em diversos momentos. E na

escolha momento da escolha do curso, sem orientação profissional, a falta de autonomia pode descentralizar a função que é precípua do aluno: escolher.

Partindo da ideia de que estamos expostos a uma sucessão de informações, sejam relevantes ou não, a todo momento necessitamos processá-las, filtrá-las ou rejeitá-las.

Portanto, escolher representa muito bem o momento em que vivemos. Optamos por estudar ou não, comer ou não, trabalhar ou não e assim construímos uma rotina pautada nas escolhas.

E quando refletimos sobre o processo de selecionar, logo rejeitar outra coisa, um grande abismo é posto entre o ator, o objeto de escolha e o processo reflexivo. Quando esta realidade é posta dentro da escola em relação a escolha profissional, nos anos finais, a problemática é maximizada.

Portanto, quais os aspectos que dificultam o processo de escolha profissional e em que momento da educação básica a Orientação Profissional deveriam atuar em conjunto com ferramentas tecnológicas para mediar o processo de escolha do educando?

1.5 A legislação educacional no ano de 2017 e os caminhos para a OP

O ano de 2017 está sofrendo mudanças relevantes em diversas áreas. A educação em especial. A legislação educacional sofreu alterações substanciais no mês de fevereiro com a promulgação da Lei número 13.415, de março de 2017 que instituiu diversas retificações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

O primeiro artigo define a carga horária mínima de 800 horas para o Ensino Fundamental e Médio, atribuindo-o como integral. Estender a carga horária demanda reformulação de projetos, adequação do espaço físico, expansão do corpo docente e principalmente reformulação dos currículos, explorando a transversalidade de temas diversos.

O que possibilita o desenvolvimento de programas que apresentem temas transversais, como definido na lei 13.415 no §7º do artigo 2º diz define:

A integralização curricular poderá incluir, a critério dos sistemas de ensino, projetos e pesquisas envolvendo os temas transversais de que trata o caput.

Conforme expressa Barbosa (2007), a seguir.

Foram chamados transversais porque indicam uma forma diferente de abordar o conhecimento, vendo-o como algo dinâmico, possível de transformação e de ser relacionado ao cotidiano. Foram pensados como ruas que cruzam as avenidas do conhecimento, produzindo encontros entre o saber do dia-a-dia e o conhecimento construído através dos tempos... Sua principal característica é estabelecer relações entre as matérias, entre a teoria e a prática, entre os conhecimentos sistematizados e os extracurriculares, entre o fator social e o saber sistematizado (p. 10-11).

A partir dessa brecha legal, a OP não somente pode ser incluída atravessando o currículo, como integrando-o permanentemente. Pois, de acordo com o PCN, o Ensino Médio no Brasil está em processo de mudança. As novas tecnologias e as mudanças na produção de bens, serviços e conhecimentos exigem que a escola possibilite aos alunos integrarem-se ao mundo contemporâneo nas dimensões fundamentais da cidadania e do trabalho.

A escola têm a função, dentre outras, de preparar o aluno para o trabalho considerando as novas tecnologias e a nova sociedade. Explicitamente no artigo Art. 4º que reitera o art 36 da LDB, inclui-se entre outros saberes a formação técnica e profissional dos discentes, segundo texto de lei:

“Art. 36. O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber:

...

V - formação técnica e profissional.

Fica claro a busca da integralização do currículo para que as disciplinas tenham mais relação e menos formato abstrato. Por meio de arranjos curriculares objetiva-se desenvolver vários olhares em torno de um mesmo assunto.

A OP em especial é relevante no processo de formação. Mas, de acordo com Ferreira, Nascimento e Fontaine (2009), reconhecendo o poder de influência dos professores, a partir da análise do “discurso dos professores em sala de aula, os

autores observaram que (a) não havia uma ação intencionalmente e pedagogicamente pensada por parte dos docentes; (b) falta aos professores o conhecimento sobre desenvolvimento vocacional e de carreira; (c) há limitações da estrutura institucional; (d) há escassez de tempo para cumprir o currículo; e (e) os participantes não tinham real consciência do seu poder enquanto agentes de mudança.”

Considerando a realidade educacional, deve haver um curso que habilite periodicamente os professores, orientadores, diretores para que estes atendam a demanda de aconselhamento profissional.

No parágrafo 6º os critérios em relação a oferta dos cursos serão estabelecidos conforme considerações legais, quais sejam:

§ 6º-A critério dos sistemas de ensino, a oferta de formação com ênfase técnica e profissional considerará:

I - a inclusão de vivências práticas de trabalho no setor produtivo ou em ambientes de simulação, estabelecendo parcerias e fazendo uso, quando aplicável, de instrumentos estabelecidos pela legislação sobre aprendizagem profissional;

A ênfase na formação técnica do aluno é evidente e avançamos no sentido tecnológico pois, os cursos podem ser mediados pelas novas tecnologias. Os critérios de contratação de pessoal e parcerias feitas com instituições que atendem as necessidades das exigências curriculares são:

§ 11. Para efeito de cumprimento das exigências curriculares do ensino médio, os sistemas de ensino poderão reconhecer competências e firmar convênios com instituições de educação a distância com notório reconhecimento, mediante as seguintes formas de comprovação:

I - demonstração prática;

II - experiência de trabalho supervisionado ou outra experiência adquirida fora do ambiente escolar;

III - atividades de educação técnica oferecidas em outras instituições de ensino credenciadas;

IV - cursos oferecidos por centros ou programas ocupacionais;

V - estudos realizados em instituições de ensino nacionais ou estrangeiras;

VI - cursos realizados por meio de educação a distância ou educação presencial mediada por tecnologias.

No último parágrafo a orientação deverá ser ofertada a cargo da instituição.

§ 12. As escolas deverão orientar os alunos no processo de escolha das áreas de conhecimento ou de atuação profissional previstas no caput.” (NR)

Não havendo tempo hábil e nem preparação para a concretização da matéria pelos professores, a garantia do direito dos alunos de ter acesso a matéria deve ser garantida, por meio de oferta de um espaço físico adequado para a execução dessas atividades.

1.6 A Orientação Profissional e a tecnologia da informação

A partir de uma análise cronológica, conseguimos acompanhar as mudanças trazidas pela tecnologia. Homo sapiens, termo que deriva do latim "homem sábio", ser pessoa ou gente, é a única espécie viva do primata bípede do gênero Homo. Os humanos anatomicamente modernos surgiram na África há cerca de 200 mil anos e há apenas 50 mil o comportamento chegou a ser o que é hoje.

Segundo VOLPATO e IGLESIAIS (2014, p. 1) a partir do desenvolvimento do homem, surgiram diversas formas de explicar o mundo. Partindo do empirismo, que se baseava no senso comum e experiências que eram transmitidas às gerações como tradição, passando pelo conhecimento teológico, quando a fé influenciava nos regramentos sociais e determinava a visão da sociedade, chegando ao mito, onde entidades tinha parte em acontecimentos sobrenaturais (inexplicáveis). Logo, a filosofia se desenvolve e passa a explicar o mundo a partir da racionalidade, utilizando métodos. No entanto, nasce a necessidade de experimentação dos métodos. Toda forma de saber deveria ser experimentada, trazendo exatidão das teorias. Assim, nasce a ciência, proporcionando ampla produção do conhecimento.

Enquanto o senso comum apresenta o conhecimento espontâneo, baseado na opinião, que cientificamente não inclui nenhuma garantia de validade, a ciência

investiga a natureza a partir das relações de causa e efeito. Neste contexto a computação está inserida. E, com o avanço tecnológico, surgem formas de imitar a mente em tarefas variadas.

Compartilhando funções com inteligência artificial, devemos adequar nosso arquétipo de raciocínio a realidade cibernética. Como as máquinas não tem o poder de decodificar nossos símbolos linguísticos, necessitamos transpor padrões mentais em códigos binários. Isto se tornou objeto de estudo da Ciência da Informação, e profundas transformações aconteceram.

A relação homem-máquina requer constante aperfeiçoamento, posto que o processo de transição pré e pós tecnologia sugere resiliência. Isso é visto a partir da definição das gerações “X”, “Y” e “Z”. Classificadas conforme as datas de nascimento, para ENGELMANN, (2007) os “baby boomers” nasceram entre 1948 e 1963, “geração X” (entre 1964 e 1976), “geração Y” (entre 1977 e 1994). MALAFAIA (2011) interpreta a “geração Z” (entre 1995 e 2010) como sendo a de pessoas individualistas e impacientes .

Esta última se difere de todas as outras pela interação com o mundo digital desde o nascimento. As ferramentas tecnológicas compõem o seu cotidiano, que tem relação direta com smartphones e dispositivos móveis.

A popularidade dos mesmos alcançam ambientes inimagináveis. Os utilizadores da rede de internet são monitorados em tempo real e dados diversos são acumulados.

SANTAELLA (2009, p. 126) faz a representação de homem conectado e não conectado como “corpos alternativos” e “corpos carnavais” : [...] abandonei a denominação de “corpos reais” e “corpos virtuais”, preferindo chamar de “corpos carnavais” e “corpos alternativos”, pois não há oposição epistemológica mais equivocada do que aquela que opõe o virtual ao real ou o virtual ao físico, como se as representações virtuais não fossem também físicas e reais. A diferença não está em ser real ou não real, mas nos tipos de realidade e de fisicalidade que são distintas nesses casos. Veio daí minha predileção pelo “carnal”, pois este adjetivo explícita de que tipo de matéria física e mental se trata aí.

Considerando o conceito da autora, hoje, mais do que nunca, o alternativo e o

carnal se relacionam. Para que estes dados coletados sejam sensíveis e integrem âmbitos específicos de desenvolvimento, o contexto se torna altamente relevante. Assim, surge a necessidade de adaptar os dados recebidos ao ambiente, executando soluções conscientes, enriquecedoras e interativas.

O processo de escolha profissional deve considerar os múltiplos contextos, quais sejam: sociais, individuais, familiares e mais do que nunca o contexto computacional, pois é justamente desse que abordaremos com maior ênfase. Na realidade educacional, MIRANDA(2002, p.11) afirma:

Na modernidade (a partir do séc. XVI), devido a fatores históricos, sociais, culturais, econômicos, políticos, a tecnologia sofre e propicia transformações profundas. E muito além de alterar padrões de comportamento, a tecnologia, a partir da modernidade, contribui para alterar a relação do ser humano com o mundo que o cerca, implicando no estabelecimento de uma outra cosmovisão.

A Orientação Profissional (OP) prepara o homem para essa nova realidade digital, onde o mercado de trabalho está inserido. Logo, a tecnologia deve estar presente no processo de mediação entre orientador e orientando.

Já previa MENDONÇA (2011) que a Geração Z se apresentaria ao mercado de trabalho como individualistas e impacientes. E ainda mais conectados à tecnologia do que a Geração Y, exigiram adaptações nas organizações e bastante preparo dos gestores para gerenciar as suas expectativas e direcioná-los na carreira.

Estar conectado a internet, por exemplo, tem impactos visíveis no desempenho do estudante? De acordo com a UNESCO, “os resultados do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem-2005) mostraram que, dos alunos que obtiveram as melhores notas, 64,8% têm internet em casa. E entre as notas mais baixas, 82,2% não dispõem de acesso à rede no ambiente familiar”. Isto quer dizer que a internet implica e muito no desempenho dos alunos, desde que utilizada de maneira positiva.

No entanto, antes de adentrar o mercado de trabalho é necessário escolher uma profissão e ingressar no ensino superior. O trânsito entre o espaço escolar e universitário é congestionado e acidentes devem ser evitados.

Escolher não é uma tarefa simples. Muitos fatores são determinantes. Mas,

como saber quais estão presentes no momento da escolha? Como definir uma ordem de prioridades? Depois de passar pelo processo de conscientização, como escolher? (SOARES, 2002)

A tecnologia, ator coparticipante da vida dessa nova geração, facilitaria o processo de escolha através da função pedagógica de apoio de instrumentos técnicos, pois as mudanças exigem ampla reformulação da orientação, visando alcançar esses usuários.

Para os gestores da área de Recursos Humanos, conhecer o perfil dessa geração e posicionar-se estrategicamente é um desafio. A inserção no trabalho visa adequá-lo à realidade condizente com suas crenças e anseios, para que todo o potencial seja aproveitado.

Considerando a necessidade de otimizar o processo de OP na era tecnológica, propomos neste trabalho fazer um esboço de um Application (*APP*) que facilitaria a escolha, através do delineamento do perfil profissional, por meio da análise de dados como localização, preferências pessoais, situação socioeconômica, dentre outros.

A inclusão do contexto nos dados surge na fase do delineamento do projeto, a partir da identificação de todos os cenários.

Segundo BELLAVISTA, CORRANDI, FANELLI e FOCCHINIO(2013) muitos autores diferentes apresentaram sua própria definição de contexto: em (SCHILIT, 1994), o contexto do serviço contém "onde você está, com quem você está e quais são os recursos próximos "; Em DEY e ABOWD (2000), contém "qualquer informação que possa ser usada para caracterizar a situação de uma entidade ". Finalmente, em ZIMMERMANN (2007),"os elementos para a descrição desta informação de contexto se dividem em cinco categorias: individualmente, atividade, localização, tempo e relações "No sentido comum significado, contexto é o "conjunto de variáveis que podem ser de interesse para um agente e que influenciam suas ações" (BOLCHINI. 2009).

Partindo desse princípio, traçam-se estratégias para modelar o programa que responda a estímulos. A modelagem apresenta a sistematização das conexões entre dados, objetos e necessidades do aluno que necessita de direcionamento

profissional.

Para compreender as informações de interesse, partimos do conceito da ontologia. De acordo com Aristóteles, ontologia é a filosofia primeira que define, a partir de categorias que os classificam através de suas diferenças: substância, qualidade, quantidade, relação, ação, tempo, lugar, posição, posse e paixão. As 10 categorias permitem a completa classificação dos indivíduos (MARCATTO, 2008).

No contexto tecnológico, o desenvolvimento de ontologias modela um domínio de conhecimento, ou seja, esta ferramenta é utilizada em inteligências artificiais para converter a informação real em digital.

GONÇALVES e SOUZA (2015, p. 5) afirmam:

A partir dos conceitos definem-se as relações envolvidas e, ao final, subsidia a formalização dessa estrutura, ao ser expressa em linguagem passível de “entendimento” pelo computador.

Através da descrição de indivíduos, classes, atributos e relacionamentos, por meio da associação e discriminação existentes entre qualquer coisa, pode-se desenhar diagramas que otimizam processos, como delineamento do perfil, por meio de informações estáticas e dinâmicas.

Mas, o que se quer saber a partir do perfil profissional? Quais aspectos se relacionam com signos que podem ser processados? Pretende-se adquirir que tipo de conhecimento?

Epistemologicamente, as relações computacionais acontecem entre do sujeito e objeto dentro do que chamamos de lógica cognitiva, formada pela teorização do conhecimento.

Seria uma descrição de paradigmas estruturais. É impossível definir o ser humano como ser sociológico. Existem aspectos subjetivos que independem do conhecimento científico. O empirismo é considerado. No entanto, utilizando informações relevantes é possível transcrever o conjunto completo de significados processado-os em um computador.

1.6.1 Paradigmas epistemológicos para definição do aplicativo da escolha

Os paradigmas definem e impõem modelos, com função referencial. É o ponto de partida da delimitação de qualquer investigação no contexto da ciência da informação, pois define a padronização.

Paradigma físico, o cognitivo e o social por exemplo não só simplificam de forma extrema a complexidade das proposições, como podem dar lugar a um mal entendido, considerando a presente exposição como avanço histórico, posto que muitas teorias se entrecruzam com distintas intensidades e em diversos períodos.

É importante apresentarmos a ideia no nível mais abstrato da informação. “O desenvolvimento da computação e a investigação empírica dos processos neuronais cerebrais vêm revolucionando a teoria clássica do conhecimento baseada na ideia da representação, ou duplicação de uma realidade externa na mente do observador. Essa revolução começa com a chamada teoria da informação de Claude Shanon e Warren Weaver” (SHANNON, 1972).

O século XXI trouxe consigo uma atualização do conceito de epistemologia. A reflexão sobre os processos cognitivos. O conhecimento científico apresentado a partir da natureza, aspecto apresentado por Aristóteles. Assume um caráter pragmático e se relaciona com a mutagênese da realidade humana.

A ciência da informação permite a reprodução de processos cognitivos, segundo CAPURRO(2003), por meio da “tecnologia digital permite a simulação de processos cognitivos em artefatos, como nos mostram a robótica e diversos tipos de sistemas biotecnológicos.”

Este é reconhecido como facilitador, pois os processos desenvolvidos entre os seres humanos. o conhecimento pesquisado não se restringe a conceitos institucionalizados. Esta percepção em relação ao objeto é subjetiva, por não ser previsível. Não se pretende descobrir, por exemplo o gênero do objeto. Mas, quais informações representam e identificam o usuário como singular?

Na Orientação Profissional (OP), a intervenção de Carreira, segundo SPOKANE (2004), pode ser realizada em cinco níveis. O primeiro nível refere-se à oferta de informação, o segundo nível corresponde a atividades auto-administradas

(intervenção de carreira assistida por computador, abordagens experienciais de trabalho), o terceiro nível é denominado por tratamento alternativo (workshop, exploração vocacional,).

O quarto nível é a consulta psicológica de grupo (interpretação de testes em grupo, grupos estruturados, grupo de aconselhamento não-estruturado) e o nível cinco refere-se à consulta psicológica individual (administração e interpretação de testes, consulta psicológica individual breve, consulta psicológica individual prolongada). Este estudo focaliza o quinto nível de intervenção, no qual coexistem o máximo de investimento do cliente/estudante do Ensino Médio que procura Orientação Profissional e o máximo de envolvimento do psicólogo. A eficácia do processo de orientação depende do grau de comprometimento de ambos: orientando e orientador.

Os três primeiros níveis tem participação indireta do psicólogo. E é neste momento que sugiro a intervenção e auxílio do delineamento profissional do aluno por meio do *app*.

1. 6.2 Engenharia do conhecimento e sua relação com a escolha

Com a crescente interação homem-máquina, comprova-se a importância dos fatores humanos do delineamento de projetos computacionais. A engenharia cognitiva apresenta perspectivas de interação, proporcionando menor distanciamento entre usuário e sistema.

A engenharia cognitiva se baseia em modelos mentais humanos para representar ações como “recordação, interpretação, planejamento e aprendizado, que podem indicar para pesquisadores e projetistas quais as propriedades ou características que as interfaces devem ter de maneira que ela possa ser desempenhada com mais facilidade. “(MACEDO, AMARAL,, 2003)

Na área da ciência cognitiva estuda-se formas de aprimoramento de interfaces que sigam a lógica dos modelos mentais para que a utilização de softwares seja natural e os processos produzidos espontaneamente.

Apesar de estreitamente relacionadas, existe uma distinção entre Interação Homem-Computador e Interface. Interação é tudo o que ocorre entre o ser humano (usuário) e um computador utilizado para realizar alguma(s) tarefa(s), ou seja, é a comunicação entre essas duas entidades. Interface é o componente (software) responsável por mapear ações do usuário em solicitações de processamento ao sistema (aplicação), bem como apresentar os resultados produzidos pelo sistema (SILVAFILHO,2003).

A interface é um artefato que é intuitivo na relação entre duas entidades: homem e máquina. Na utilização de computadores existe uma meta a ser alcançada “Para representar essa engenharia, o modelo GOMS – Goals, Operators, Methods and Selection rules (Traduzindo: Metas, Operadores, Métodos e regras de seleção) é o mais preciso.

O seguinte processo cognitivo exemplifica a ação: o indivíduo tem metas a cumprir (desenhar), escolhe os operadores para alcançar sua meta (tinta, papel), seleciona método a ser utilizado (espessura do pincel, tamanho da tela, intensidade das cores), caso tenha mais de um método a ser utilizado, virão as regras de seleção para definir qual o método mais apropriado para alcançar a meta.

Na computação essa facilidade na aproximação com o usuário denomina-se acessibilidade. Quanto menos mecânica a relação entre esses objetos, melhores os “*feedback*” para o aprimoramento do software, que envolve o processo de cognição e aprendizagem, criando-se modelos que respondam a estímulos.

Os modelos cognitivos, segundo CAMPOS(2003), "são utilizados, exatamente, para análise e descrição das tarefas que o utilizador tem para realizar e preocupam-se com o conhecimento que o utilizador tem sobre uma determinada tarefa e o modo de a executar".

A partir da compreensão do que é engenharia do conhecimento, é necessário pensar em como esse projeto ganha forma no futuro. Todo projeto deve ser planejado com antecedência. Isto prevê riscos, apresenta erros existentes, e assegura o empreendedor a partir da realidade, qual a possibilidade do plano sair do papel.

Antes de tudo é necessário definir a motivação para criar o produto, que envolve o modelo mais adequado, a definição dos objetos envolvidos, suas ações e os atributos.

Surge então o conceito de modelagem de dados Entidade Relacionamento, que condiz com as necessidades da modelagem dos dados e orientará o desenvolvimento do app, fornecendo informações relacionadas ao domínio do projeto em questão.

1.6.3 Programação orientada a objetos: a escolha profissional: Classes, objetos, UML

“Programação Orientada a Objetos ou, abreviadamente, POO, é um paradigma de programação de computadores onde se usam classes e objetos, criados a partir dos modelos, para representar e processar dados usando programas de computadores.”(SANTOS, 2001, p. 6)

Para melhor compreensão, a orientação a objetos é primazia no processo de construção de qualquer programa. Vem antes da engenharia, do programador e da própria tecnologia. Esta surge a partir de analogias feita com o funcionamento dos corpos vivos.

Alan Kay, em 1960, lançou a ideia de que o computador ideal deveria funcionar como um organismo vivo. Cada “célula” iria se relacionar com outras a fim de alcançar um objetivo, entretanto, funcionando de forma autônoma. As “células” também reagruparam para resolver outros problemas ou desempenhar outras funções, trocando mensagens “químicas” entre elas.

Então, decidiu construir um sistema de software a partir de agentes autônomos que interagem entre si, definindo os seguintes princípios da orientação a objetos: Qualquer coisa é um objeto; Objetos realizam tarefas através da requisição de serviços; Um objeto pertence a uma classe; Uma classe coleciona objetos similares; Uma classe possui comportamentos relacionados ao objeto; e Classes se dispõem em hierarquias.

Aplicando o conceito de classes gramaticais à programação, Kay descobriu que substantivos apresentados de forma isolada possibilitaram a criação instantânea de imagens, enquanto os verbos não produziam o mesmo efeito.

Depois de reunir seus conhecimentos em diversas áreas do conhecimento,

aplicando testes e fazendo pesquisas, surge o paradigma de análise de programação. Conhecendo a origem da orientação a objetos, desenvolvem-se projetos a partir da compreensão da utilização de dados a partir da compreensão da construção de programas a partir de definição de relações entre objetos e classes.

Classes

Cada classe deve ter um nome que seja facilmente associável ao modelo que a representa. Classes são abstrações de objetos que definem um conjunto de características e funcionalidades. Uma classe define o comportamento dos objetos por meio da especificação dos métodos, relacionando-os a seus atributos.

Os dados contidos em uma classe são definidos como atributos, características. Um exemplo de classe seria a matriz de uma prova. Não é fisicamente a avaliação, mas é uma definição abstrata do teste. Esta contém a especificação de tudo que será abordado. Enquanto a prova impressa seria uma instância dessa classe, o nome dos cadernos de provas definido pela cor seria a referência das instâncias da matriz.

Exemplo de classe: aluno

Objetos

Objetos são instâncias das classes. Armazenam informações através de atributos e reagem a requisições de mensagens enviadas a ele, assim como se relaciona-se e enviar mensagens a outros objetos. “Objetos são instâncias de classes. É através deles que (praticamente) todo o processamento ocorre em sistemas implementados com linguagens de programação orientadas a objetos. O uso racional de objetos, obedecendo aos princípios associados à sua definição conforme estabelecido no paradigma de desenvolvimento orientado a objetos, é chave para o desenvolvimento de sistemas complexos e eficientes”(RICARTE, 2001, p. 5)

Exemplo de objetos da classe aluno: nome, matrícula, idade.

Com a finalidade de representar as classes com seus respectivos atributos e métodos através de diagramas, pode ser utilizada a linguagem UML (UNified Model Language) representação da classe, o diagrama UML deve ser desenhado.

UML

O resultado concreto da definição de relacionamentos de classes e objetos é apresentado por uma linguagem de modelagem, tal como Na *Unified Modeling Language (UML)*.

A UML (Unified Modeling Language) é uma linguagem para especificação, documentação, visualização e desenvolvimento de sistemas orientados a objetos. Sintetiza os principais métodos existentes, sendo considerada uma das linguagens mais expressivas para modelagem de sistemas orientados a objetos. Por meio de seus diagramas é possível representar sistemas de softwares sob diversas perspectivas de visualização. Facilita a comunicação de todas as pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento de um sistema - gerentes, coordenadores, analistas, desenvolvedores - por apresentar um vocabulário de fácil entendimento (OMG, 2005a) (OMG, 2005b) (OMG, 2005c) (OMG, 2006).

Pela definição da nomenclatura, vemos que a UML é uma linguagem que define artefatos que ajuda na tarefa de modelar e documentar os sistemas orientados a objetos que desenvolvemos.

O nome da classe é um identificador para a classe, que permite no momento da criação de um objeto, fazer referência a este. O conjunto de atributos descreve as características da classe.

Cada atributo é identificado por um nome e tem um tipo associado. Em uma linguagem de programação orientada a objetos pura, o tipo é o nome de uma classe. Na prática, a grande parte das linguagens de programação orientada a objetos oferecem um grupo de tipos primitivos, como inteiro, real e caráter, que podem ser usados na descrição de atributos. O atributo pode ainda ter um valor opcional, que especifica um valor inicial para o atributo.

1.6.4

Modelo Entidade Relacionamento (MER): Entidade, Atributos, Chave Primária, Relacionamento, Cardinalidade

Modelo Entidade Relacionamento(MER)

O modelo entidade Relacionamento(MER) é a tarefa de desenhar e construir a relação do banco de dados. Conceitual e utilizado na Engenharia de Software para descrever as classes a partir das relações existentes entre as mesmas.

Ele apresenta a forma abstrata as informações armazenadas no banco de dados de forma a aconteça a implementação física de dados.

Entidade

Os objetos ou partes envolvidas um domínio, também chamados de entidades, podem ser classificados como físicos ou lógicos, de acordo sua existência no mundo real. Entidades físicas: são aquelas realmente tangíveis, existentes e visíveis no mundo real, como um cliente (uma pessoa, uma empresa) ou um produto (um carro, um computador, uma roupa). Já as entidades lógicas são aquelas que existem geralmente em decorrência da interação entre ou com entidades físicas, que fazem sentido dentro de um certo domínio de negócios, mas que no mundo externo/real não são objetos físicos (que ocupam lugar no espaço).

Logo, todo nome dado a informação que é necessário armazenar. São caracterizadas por se apresentarem em forma de substantivos e no singular.

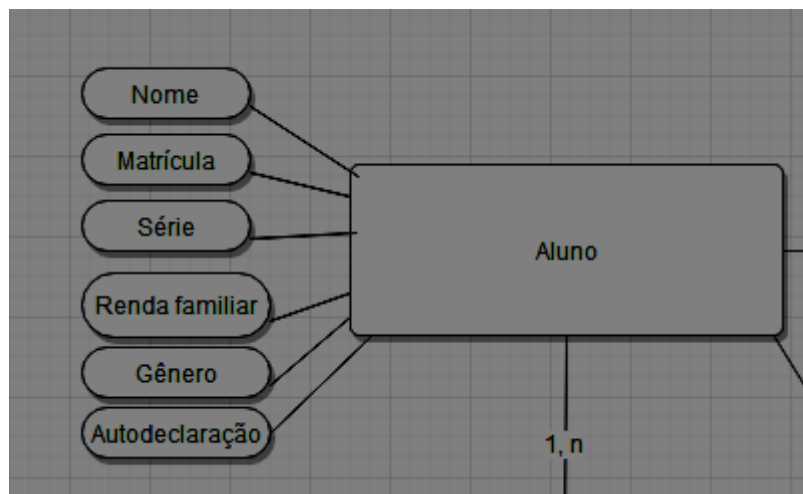
Exemplo: Aluno, professor, orientador.

Atributos

“Atributos são as características que descrevem cada entidade dentro do domínio. Por exemplo, um cliente possui nome, endereço e telefone. Durante a análise de requisitos, são identificados os atributos relevantes de cada entidade naquele contexto, de forma a manter o modelo o mais simples possível e consequentemente armazenar apenas as informações que serão úteis futuramente. Uma pessoa possui atributos pessoais como cor dos olhos, altura e peso, mas para um sistema que funcionará em um supermercado, por exemplo, essas informações dificilmente serão relevantes.”

Os atributos compõem as entidades, comumente definidos como características. Tudo que vai relacionar as características dos dados ao objeto, que sempre estará relacionado ao se quer armazenar.

A representação gráfica dessas relações serão sempre representadas pela entidade contida em um quadrado e o círculo vazado determinando o atributo,



conforme figura 1:

Figura 1- representação das relações

Chave Primária

As chaves primárias são apresentadas como atributos comuns, mas o que difere das outras características é a representação gráfica, definida como um círculo

cheio(preenchido), conforme figura 2, onde o atributo *_matrícula* representa a chave primária da entidade *_aluno*. Esta informação não pode se repetir.

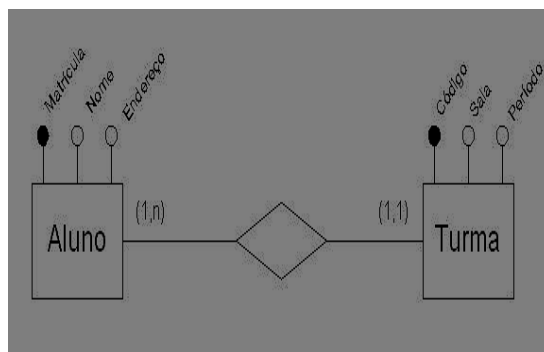


Figura 2- representação da chave primária

Relacionamento

O relacionamento entre esses os objetos é representado graficamente pelo losango, símbolo relacional entre entidades. É sempre descrito como um verbo que define a relação, conforme figura 3:

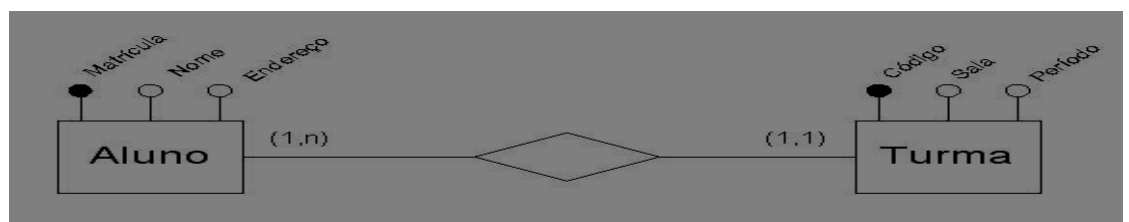


Figura 3- representação do relacionamento entre objetos

Cardinalidade

Esta especificação ajuda na leitura das relações entre entidades e atributos e apresenta o limite para uma relação, que têm como símbolo de identificação a letra “n” e o numeral 1, conforme figura 3. O que significa que muitos e “1” representa unidade. Logo, afirma-se muitos alunos pertencem a uma turma e uma turma pertence a muito alunos.

1.6.5 Diagrama de Orientação Profissional

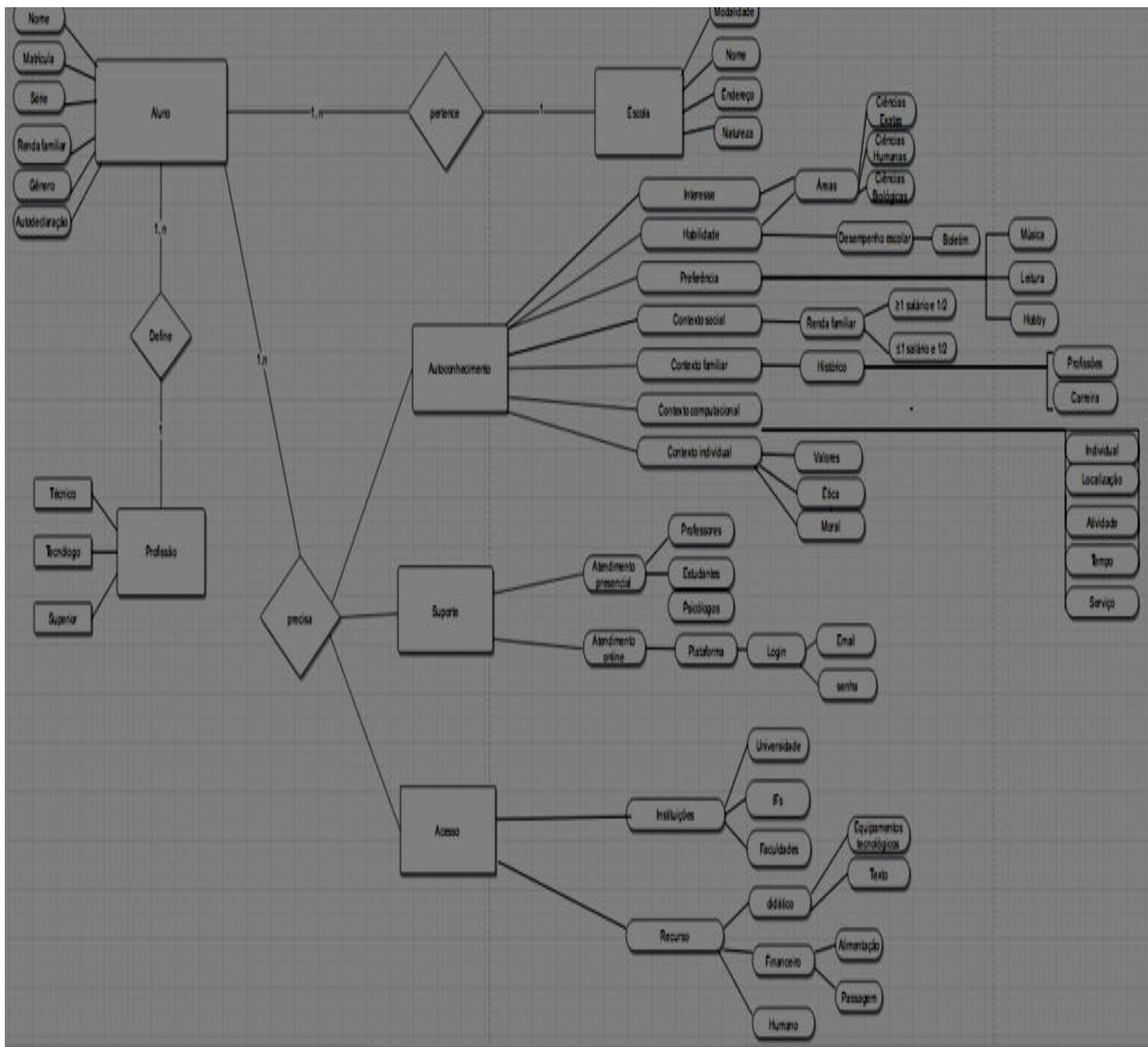


Figura 4: diagrama de Orientação Profissional

O diagrama é um recurso que permite apresentar de forma sucinta e estruturada todos os elementos essenciais no processo de análise do sistema, escalonado de forma didática a compreensão simples de algo.

Por meio de diagramas é possível representar sistemas de softwares sob

diversas perspectivas de visualização. Facilita a comunicação de todas as pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento de um sistema - gerentes, coordenadores, analistas, desenvolvedores - por apresentar um vocabulário de fácil entendimento (OMG, 2005a) (OMG, 2005b) (OMG, 2005c) (OMG, 2006).

Diagrama de relacionamento

O diagrama de relacionamento(DR), é uma configuração gráfica de representação com texto que descreve a ação e relações de tarefas a serem executadas, onde a lógica do sistema é traçada passo a passo, detalhando juntamente com o que será efetuado pelo sistema.

Logo, para simplificar a comunicação, símbolos padronizados são utilizados para representar as relações entre entidades e atributos.

Enquanto o MER é um modelo conceitual, o Diagrama Entidade Relacionamento (Diagrama ER ou ainda DER) é a sua representação gráfica.

A proposta de Peter Chen, idealizador do modelo e do diagrama, propõe que as entidades deveriam ser representadas por retângulos, seus atributos por elipses e os relacionamentos por losangos, ligados às entidades por linhas, contendo também sua cardinalidade (1..1, 1..n ou n..n).

No entanto passaram a utilizar o formato UML, em que os atributos já aparecem listados na própria entidade. Essa forma torna o diagrama mais limpo e fácil de ser lido.

Desta forma, precisamos identificar as entidades nesse contexto. Definimos o que é escola e quais as entidades físicas existentes.

Além disso, consideremos aqui que a orientação pertence a uma Instituição. Esta ajuda na orientação dos alunos do ensino médio. Em um sistema real pode haver outras informações sobre a orientação, mas para esse exemplo o conhecimento dos cursos é o bastante. Por fim, temos a entidade lógica orientação, que tanto está relacionada com o aluno, quanto com o conhecimento dos cursos.

Dados do diagrama

No modelo entidade relacionamento as entidades possuem atributos específicos. Como exemplificado a seguir:

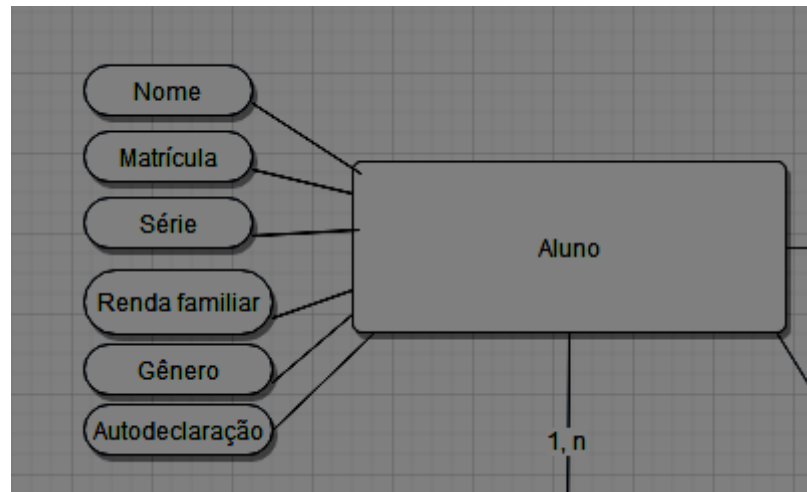


Figura 5- representação dos dados do diagrama

A entidade aluno possui atributos como nome, matrícula, série. e assim por diante.

Mapeamento do Diagrama de Orientação Profissional

- ◆ Modelo entidade relacionamento – Aluno : classe – escola : classe;
- ◆ Modelo relacional – a entidade aluno, por exemplo, 1 possuirá:
- ◆ os atributos de aluno

Aluno (matrícula_pessoa, nome_pessoa) Raiane Resende da Rocha Sá

Escola (endereço_esc, nome_esc)

Autoconhecimento (interesse_áreas, áreas_hum, exat_CDS)

Suporte (Atendimento_online, nome_materia)

Acesso (CNPJ_instituição, endereço_univ)

Este aluno definido por “n” características define uma profissão, conforme relacionado abaixo:

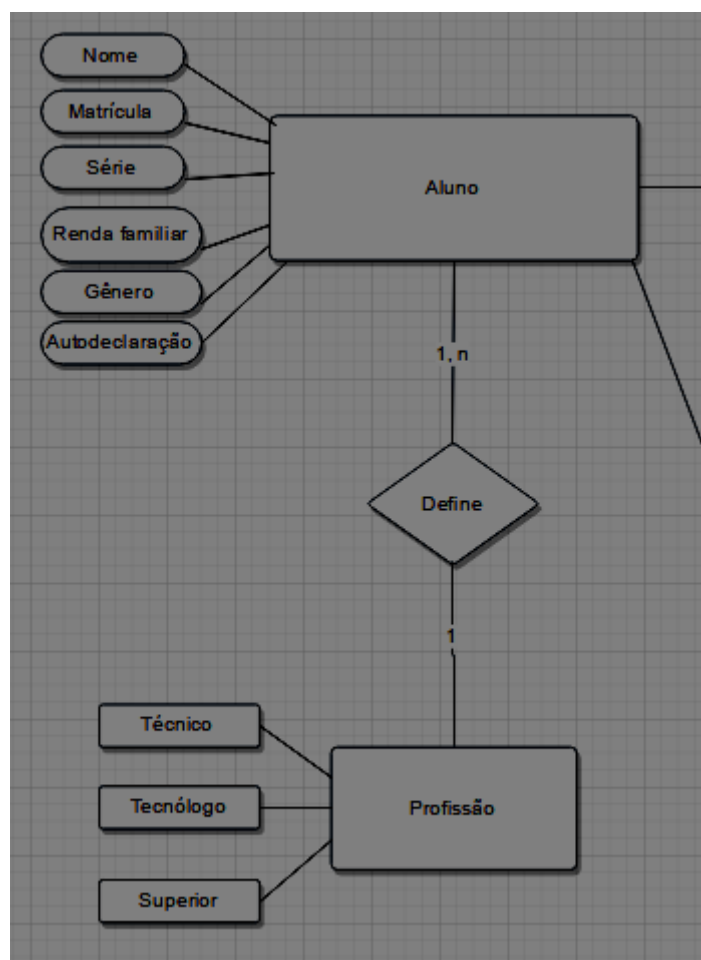


Figura 6- Relação aluno e profissão

O aluno enquanto objeto, necessita definir uma profissão. Então, necessariamente o aluno pertencerá a uma escola, que por sua vez carrega “n” características, conforme apresentado abaixo:

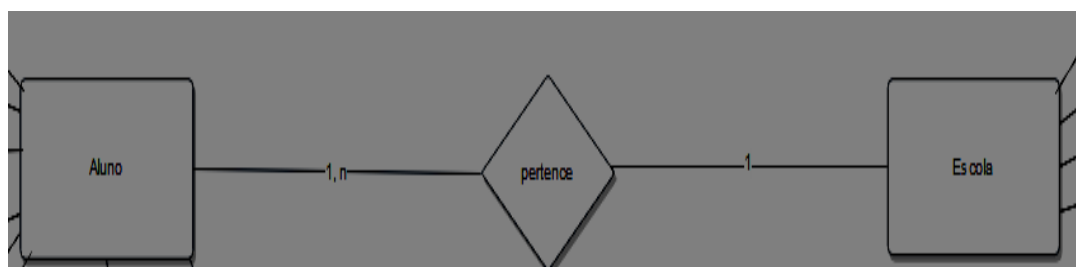


Figura 7- relação das entidades físicas

Esta escola, por sua vez, carrega “n” características que atribui a natureza de instituição de ensino. Essas características são referenciadas no corpo do diagrama:

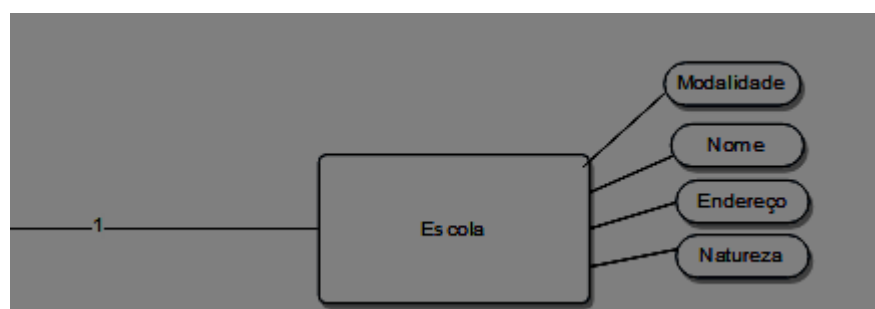


Figura 8- representação dos atributos da escola

Para que a profissão seja escolhida de forma acertada, esse aluno precisa de autoconhecimento, suporte e acesso, conforme representação abaixo:

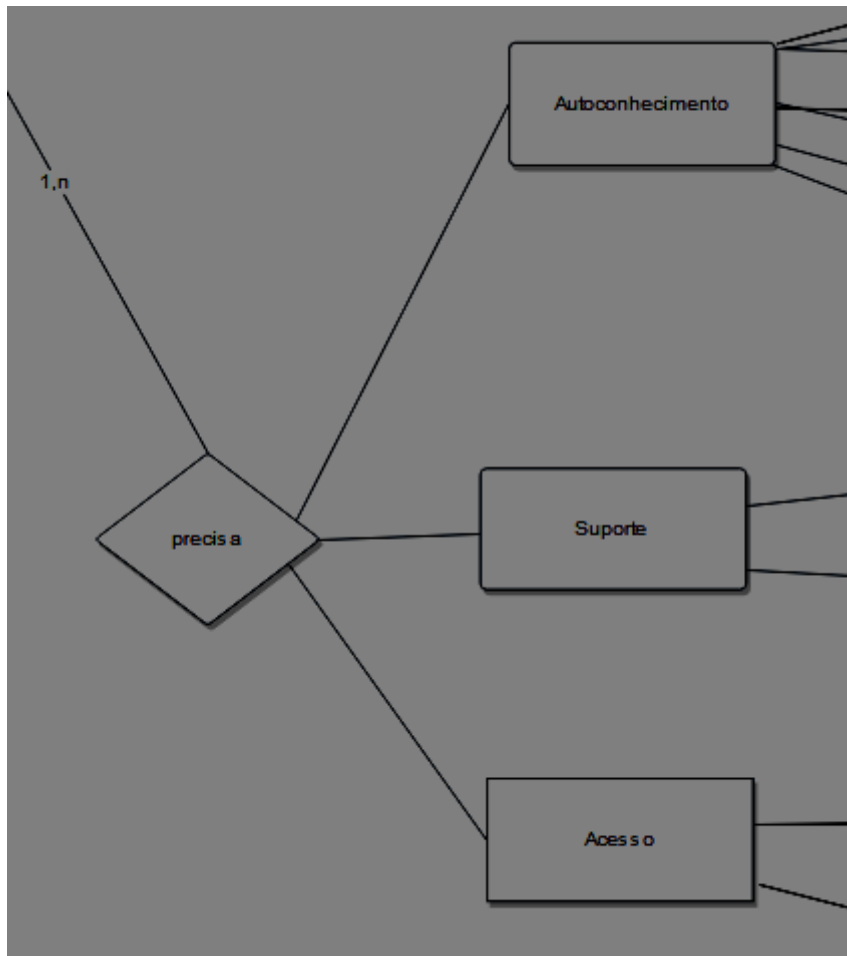


Figura 9- representação das entidades lógicas

Para desenvolver o autoconhecimento o aluno precisa descobrir seus interesses, habilidades, preferências, contexto social, contexto familiar, individual e computacional, conforme estruturado abaixo:

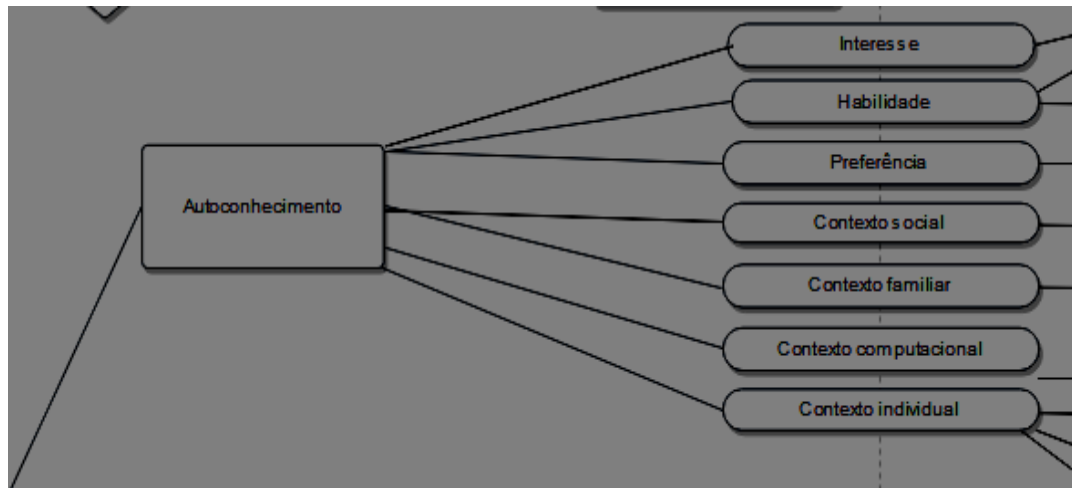


Figura 10- representação dos atributos da entidade autoconhecimento

Já em relação o suporte é definido como o atendimento presencial e online que este aluno precisa ter.

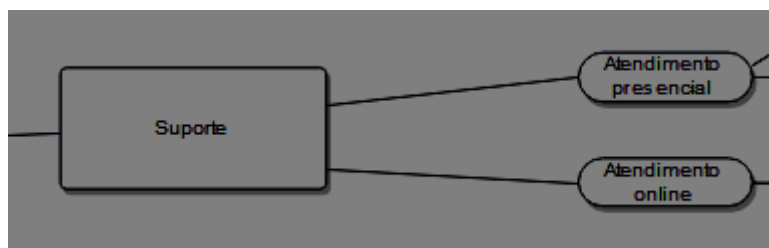


Figura 11- representação dos atributos da entidade suporte

E por fim temos o acesso, que é representado por intuições de ensino superior ou técnico. Conforme interesse do educando.

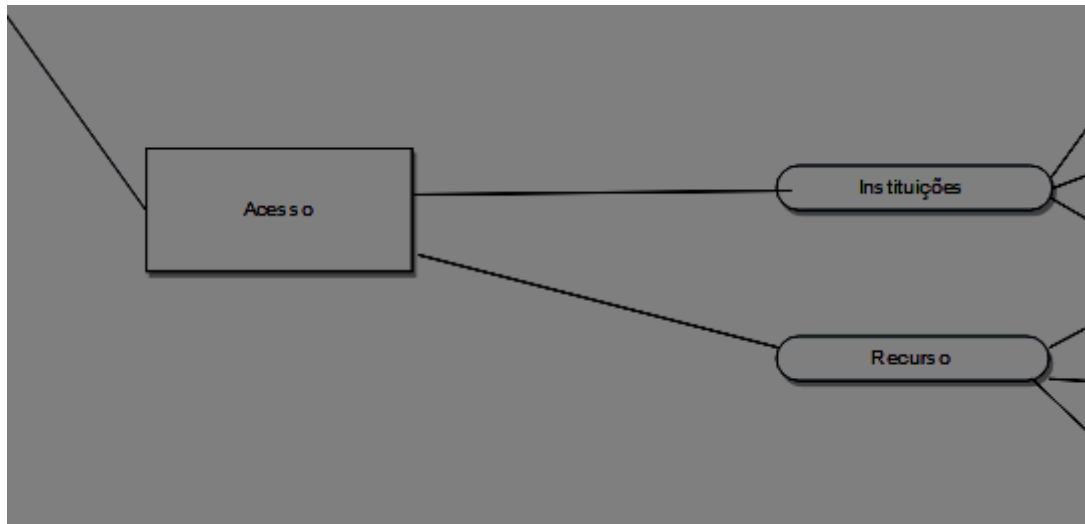


Figura 11- representação dos atributos da entidade acesso

Um ou “n” alunos pertencem a uma escola e uma escola pertencem a um ou “n” alunos.

1.7 Orientação Profissional continuada: reflexões e alternativas de uma necessidade iminente

O Ensino Público Brasileiro integra a lógica capitalista moderna, e o processo de formação dos discentes segue o objetivo de produção de mão de obra. Isto é, a educação deve formar o jovem para o mercado de trabalho, com a finalidade de ocupar futuras vagas neste sistema.

Esta ideia está expressamente prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) publicada em 1996, no artigo 27 , seção I do capítulo II da seguinte lei, dentre as diretrizes observados, os conteúdos curriculares deverão orientar para o trabalho.

Ou seja, a educação está pautada na lógica de mercado e incluindo o conceito e desenvolvimento da cidadania. Mas, a escolha profissional se confronta com a realidade das escolas que ofertam Educação básica.

Os alunos são formados para o mercado de trabalho, educação continuada é necessária em todas as modalidades de ensino. Desde a educação básica à

especialização *stricto sensu*(mestrado e doutorado), requer formação ininterrupta e contínua.

Mas, para que haja demanda de formação de professores, deve haver oferta do serviço. Reclama-se a oferta de curso preparatório nas instituições de ensino. Quem orienta os alunos? Quais são os profissionais aptos a isso? Qual escola oferece atividades dirigidas a temática?

“Bastos (2005) buscou investigar dez egressos de escola pública concluintes do ensino médio e analisar quais fatores referentes à trajetória educacional e profissional foram determinantes para a sua escolha profissional. Ficou evidenciado que o fato de possuir um maior nível de escolaridade não contribui para que o sujeito consiga ascensão social. A pesquisa apontou a baixa qualidade do ensino médio, não contribuindo dessa maneira para formar o aluno com competências necessárias para ingressar no ensino superior. Nenhuma das escolas pesquisadas apresentou qualquer forma de orientação profissional.”

Grifo no parágrafo anterior que nenhuma escola ofertava a OP. Esta realidade está presente na maior parte das escolas públicas do DF.

“No Brasil, a Orientação Profissional pode ser realizada por psicólogos e pedagogos, mas infelizmente, como afirmou Soares (1999), a formação de orientadores profissionais brasileiros ainda não possui regulamentação ou lei que determine conteúdos mínimos a serem ministrados.

No entanto, os orientadores educacionais não podem perder essa batalha corporativa. Cada vez mais outros profissionais tendem a se apoderar das suas competências e assim esvaziar a sua função. Ao Orientador Educacional compete exercer a função de orientador profissional. Mas, percebe-se que o profissional fica cada vez mais esvaziado com a disputa epistemológica para a definição de espaços de atuação profissional.

Considerando o cenário atual, fica evidente que o descaso com profissional da OP. Este não têm incentivo para realizar atividades, a formação continuada desses inexiste. O que dificulta o processo de construção do conhecimento.

1.8 O papel da intervenção pedagógica

Esta ideia reforça a tendência produtiva em diversos aspectos, porque desde sempre o profissional da área de educação era um dos poucos profissionais que exigia-se continuada formação.

Com a institucionalização do ensino formal, as reflexões teóricas são diminuídas e o cotidiano das escolas desconsideram análises importantes no processo de ensino aprendizagem.

A intervenção pedagógica no processo de escolha da profissão inclui tanto o professor, que deve se profissionalizar para atuar como orientador, como a intervenção curricular, fazendo com que a orientação profissional contemple a educação básica, por meio da multidisciplinaridade das matérias.

Nesta perspectiva, Saviani (1991, p.7) diz que

A natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Consequentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.

Deve-se produzir atividade que garanta esse direito de acesso a orientação profissional, por meio de suporte.

1.1 OBJETIVOS

Objetivo geral:

Contribuir para a reflexão sobre a Orientação Profissional no ensino médio considerando a era tecnológica e os impactos no processo de escolha dos alunos

Objetivos Específicos:

- Apresentar a importância da Orientação Profissional na educação básica de forma continuada;
- Sugerir a tecnologia da informação como facilitador do processo de escolha da profissão;
- Identificar elementos da realidade da escola considerando a OP, levantamento em conta indicadores de interesse sobre orientação profissional presencial e virtual;
- Representar a estrutura do aplicativo em diagrama Entidade Relacional.

2 - Metodologia

2.1 O contexto da pesquisa

As considerações metodológicas delineiam os procedimentos adotados no decorrer da pesquisa. Segundo FIORIN (1990): “A pesquisa hoje precisa aprofundar o conhecimento dos mecanismos sintáticos e semânticos geradores de sentido; de outro, necessita compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos”. (FIORIN, 1990, p. 177):

Considerar o discursador e sua formação histórica produz aproximação entre pesquisador e pesquisado, o que complexifica o processo de estudo, pois a análise dialógica envolve aspectos aquém do conhecimento científico. A escolha da metodologia adequada é de suma importância para o bom desempenho e análise dos resultados. Pois, deve haver adequação da metodologia aos objetivos a serem alcançados, para que haja viabilidade no curso e desenvolvimento da investigação.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir da metodologia Análise do Discurso, visando alcançar os objetivos principais do Trabalho de Conclusão de Curso, explorando as subjetividades do objeto de estudo em questão. Fomentou-se o debate sobre a Escolha Profissional, eixo principal da pesquisa, apresentando a tecnologia como sugestão de ferramenta pedagógica no processo de escolha profissional.

A princípio definimos que somente os alunos do Ensino Médio teriam acesso às perguntas, mas, muitos se interessaram em responder e a pesquisa produziu dados não esperados.

Foram realizadas 7 entrevistas presenciais e os respondentes do questionário totalizam 468 pessoas. As entrevistas realizadas pessoalmente duraram entre 10 e 20 minutos.

Os alunos que participaram da entrevista foram escolhidos pela Orientadora Educacional sem nenhum critério pré-definido. Apenas estar cursando do ensino médio. E a orientadora foi escolhida pelo critério disponibilidade.

CEAN

Para obter os resultados da pesquisa, realizamos entrevistas no Centro de Ensino Médio da Asa Norte - CEAN, escola pública que está localizada na Asa Norte, a alguns metros da Universidade de Brasília.

O CEAN é a antiga escola de aplicação que foi projetada por Anísio Teixeira para atender as demandas da faculdade de educação em 1964:

O projeto da Faculdade de Educação já concebia a criação de uma escola de aplicação que estabelecesse vínculos com o Sistema Educacional do DF. Nessa perspectiva, foi inaugurado, em 24 de janeiro de 1964, por Anísio Teixeira, então reitor, o Centro Experimental de Ensino Médio Integrado – CIEM. Esta escola foi considerada de vanguarda nos aspectos político-pedagógico, cuja filosofia educacional tinha influência das teorias de John Dewey, Jean Piaget, fundamentados na Escola Nova.

A princípio era uma escola de turno integral. Essa escola pretendia consolidar a experiência educacional ao trabalho acadêmico da Universidade e ofertar um campo de estágio aos estudantes dos cursos de licenciatura.

A escola era formada, em sua grande maioria, por filhos de servidores da UnB e o acesso era restrito, pois os candidatos às vagas eram submetidos a uma baterias de testes. Nesse período percebe-se segregação e concessão de privilégios a uma classe específica de pessoas.

Depois do golpe em 1964 a escola perde espaço e os projetos não podem ser levados avante, por efeitos da ditadura. Em 1971 o CEAN perde a vinculação com a Universidade e passa a fazer parte da Secretaria de Educação do DF, integrando a rede pública de ensino. Hoje, amparada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) o CEAN reflete, discute e repensa a importância do seu papel social. Propicia a diversificação e a apropriação dos conteúdos das diversas áreas de conhecimento, trabalha a transdisciplinaridade buscando o desenvolvimento de competências e habilidades para que os alunos atuem no mundo e exerçam seus direitos e deveres com participação na vida científica, cultural, social e política do Distrito Federal e do Brasil.

A constituição da identidade da escola se relaciona com a diversidade de atividades e que se estabelece com a comunidade por meio de parcerias com profissionais e instituições educativas.

Pelo amplo acesso dado aos alunos da UnB a escola foi selecionada para discutir a OP dentro do seu contexto educacional que passou por diversos contextos políticos. Ao todo entrevistamos “6” alunos, “1” orientadores. Com o intuito de perceber o conceito da OP a partir da visão de cada ator do espaço escolar.

O roteiro de entrevista compôs-se de 16 perguntas divididos em 4 grandes eixos norteadores: perguntas narrativas abertas, perguntas avaliativas, explicativa imediata e perguntas hipotéticas, para que posteriormente fosse feita a análise das informações coletadas.

Na tentativa de levantar dados empíricos selecionamos aleatoriamente 2 alunos representantes de cada ano do ensino médio - 1º, 2º e 3º anos. Watts (2001) levanta as práticas de Educação para a Carreira - Career Education - realizadas na Europa. Segundo o autor, objetivou-se adquirir conhecimentos, desenvolver habilidades para que cada sujeito dirija a própria carreira. Assim sendo, a educação para a carreira deve começar desde cedo na vida escolar e continuar até a vida adulta.

Essa escolha considera que a fala de cada aluno é singular, não é passível de considerações científicas. Foi a filiação dos estudantes a escola que foi fator definidor na apuração da realidade.

A narrativa dos sujeitos carregam conceitos explícitos gerativos de sentido, os valores fundamentais são narrados. Assim, o diálogo simula a história do homem em busca de valores e os contratos e conflitos que marcam os relacionamentos humanos.

Discurso é um suporte abstrato que sustenta os vários textos (concretos) que circulam em uma sociedade. Ele é responsável pela concretização, em termos de figuras e temas, das estruturas semi-narrativas. Através da Análise do Discurso é possível realizarmos uma análise interna e uma análise externa. (Gregolin, 1995, P. 17)

Os instrumentos utilizados nas entrevistas foram questionários. O primeiro

com questões abertas e restrito a alunos do CEAN e o segundo com perguntas objetivas, que propunha levantar indicadores de interesse sobre o produto(aplicativo).

2.2. Sujeitos participantes: alunos do Ensino Médio, orientadora e internautas

Os alunos que participaram da entrevista foram escolhidos pela Orientadora Educacional sem nenhum critério pré-definido. Apenas estar cursando do ensino médio. E a orientadora foi escolhida pelo critério disponibilidade.

As entrevistas presenciais foram realizadas com alunos do Ensino Médio do CEAN, de classe regular. Dois de cada série atenderam o convite da orientadora a participar. As entrevistas foram feitas somente com os alunos do Ensino Médio.

A orientadora do CEAN participou e a escolha desta não considerou nenhum pré-requisito, a não ser a atuação no cargo de orientadora educacional. Totalizando sete entrevistas presenciais.

Em relação ao questionário *online*, durante a coleta de dados definimos, a princípio, que somente os alunos do Ensino Médio teriam acesso. Mas, durante a divulgação da ferramenta em grupo da redes sociais, teve vários respondentes que não se enquadravam no critério “estudantes do Ensino Médio” que são definidos na pesquisa como “internautas”. Pois, muitos se interessaram em responder e a pesquisa produziu dados não esperados.

O total de respondentes do questionário totaliza 468 pessoas. E as entrevistas realizadas pessoalmente duraram entre 10 e 20 minutos.

2.3. Procedimentos metodológicos e instrumentos

Os instrumentos utilizados na pesquisa para coleta de dados foi um questionário online e entrevista semiestruturada.

O questionário foi composto de nove perguntas estruturadas e vinte questões para as entrevistas presenciais.

3. RESULTADOS E ANÁLISES

3.1 Alunos do Ensino Médio

Todos os alunos participantes da entrevista são alunos do Ensino Médio e estão matriculados no CEAN como alunos regulares da rede.

3.1.1 Percepção dos alunos quanto a OP

Para a maioria dos alunos a OP é um direcionar a habilidades pra carreira específica, é o caminho para encontrar a vocação. Um dos alunos diz “a escolha vai influenciar muito na nossa vida. Então seria muito melhor se a gente tivesse alguém pelo menos dando uma direção no que a gente quer, porque a gente só escuta as pessoas falando “você deveria fazer isso porque dá dinheiro”.

Segundo FANTINO (1985, p. 34)

“no orientador são depositados aspectos idealizados de seu papel, uma projeção massiva que atribui características onipotentes e mágicas. O orientador seria o que tem possibilidade de prever o futuro de garantir o êxito da escolha, quem possui a ciência e os instrumentos necessários para decidir.”

Nenhum aluno reconhece o papel da escola no processo de escolha profissional. Na verdade isso é rebatido e fala dos alunos é bem enfática quanto afirmam que o colégio não oferta o serviço. Isso é bem visível na fala da aluna que está no terceiro ano preste a concluir a educação básica. Segundo ela “a escola não teve papel nenhuma na minha escolha profissional. Porque tudo o que eu já quis fazer, não teve nada a ver com a escola. Porque eu não queria fazer nada que me remetesse de novo a escola, porque é um ambiente muito opressor, muito complicado.”

Segundo Soares (2001) , Refletir sobre a quantidade de alunos para cada

orientador é outro exercício importante. No CEAN, que está localizado na frente da Universidade Onde seria propício o desenvolvimento de projetos na área, tem um total de “dois orientadores para 680 alunos.”

A OP é uma matéria não desenvolvida no colégio. E os alunos apresentam um discurso muito desacreditado da OP, pois “no CEAN é bem fraco. Acontece mais por meio de oficinas que acontecem de vez em nunca, muito raro.”

E para o aluno que está no terceiro ano do Ensino Médio, que subentende-se que terá um acompanhamento mais assistido diz que “desde quando eu entrei no CEAN, nunca ouvi falar que tem.”

Já os alunos acreditam que a OP deve ser algo continuado, com a participação presencial de tutores. Para um dos alunos do segundo ano acha que “se você for orientado desde cedo a querer seguir uma profissão que você goste seria legal. Uma área que você tem vocação mas não sabe, com a orientação, com o passar do tempo, você vai descobrindo qual a vocação que você tem para escolher tal profissão.”

3.1.2 Fatores que influenciam a escolha

A família é o fator que mais influencia no processo de escolha. O mais citado pelos alunos, seguido de psicólogo, “si mesmo” e o “*Google*” e *professores*.

O que corrobora com a ideia de SOARES de que “as identificações do grupo familiar e o valor que as profissões assumem nesse grupo influenciam o jovem”.(2001, p. 75).

O único aluno que tem Orientação Profissional relata que “tenho orientação profissional desde pequeno. Desde pequeno eu sempre fui bem direto no que eu queria e sempre tive apoio da parte dos meus pais e profissionais. Desde sempre fui no psicólogo para ajudar nessa profissão.”

Mas todos os outros alunos não receberam nenhuma orientação.

3.1.3 Uso da tecnologia para escolha profissional

Considerando que todos os respondentes responderam que se mantém conectados a internet por um período considerável de tempo, todos acreditam que o

app seria um facilitador no processo de escolha e utilizariam a ferramenta se estivesse disponível no momento da entrevista.

Pois, segundo um dos alunos do segundo ano “Um APP é muito bom. Porque como eu falei anteriormente, ia ajudar bastante. Dá um norte para o estudante para ajudar ele a entender que aquele curso que está disponível pra ele ou que está sendo indicado pra ele, como funciona, o que ele faz, qual a importância dele na sociedade atual que a gente vive. Então, a importância de uma APP pra isso eu acho que é muito essencial. Mas eu acho que dentro dos colégios públicos deveria ter parcerias com essas empresas ou estudantes que formatasse esse tipo de APP.”

Quando perguntado a possibilidade de um atendimento presencial, todos se dispuseram a participar. E declararam que sentem falta de um atendimento presencial de OP.

E a sugestão se um dos alunos foi “que deveria existir empresas que façam essa orientação e que trace o perfil do aluno, respondendo questionário tipo “tem afinidade com que matérias no colégio?” Não gosto de quais outras matérias no colégio? Esse tipo de pesquisa facilitaria com que o sistema visse essa possibilidade do aluno a uma matéria traçando o perfil essencial para que ele pudesse escolher mais facilmente seu conteúdo.”

E ao mesmo tempo os alunos tem uma visão utópica pois “para que você pudesse substituir uma funcionalidade de pessoas que tem a capacidade de raciocinar diariamente para saber o que o aluno vai viver dentro da faculdade e o que vai viver posteriormente é complexo”.

Através dos instrumentos utilizados na coleta de dados, percebe-se a carência do serviço de orientação profissional no ambiente escolar. Dos seis alunos respondentes, somente um recebeu Orientação. E a escola não fez parte do projeto.

3.2. Orientadora Educacional

A orientadora educacional do CEAN está prestando serviço à escola pelo terceiro e sempre trabalhei com alunos do ensino médio. Para a orientadora do CEAN “Orientação Profissional é um direcionamento. Você vai passar informações sobre as

profissões para os alunos. A partir daí você vai possibilitar ele se identificar com algumas profissões.”

A orientadora representa sua função de forma racional e real. Não parte do idealismo e identifica seu despreparo para atuar como orientadora profissional. Segundo ela “Nunca fiz Orientação Vocacional. Estudei sobre isso, enquanto eu fazia o meu curso mas nunca utilizei no meu trabalho. Mas os alunos pedem muito pra gente dar essa oportunidade.”

A sobrecarga do orientador é um problema. Mas, a confusão quanto o papel do Orientador é algo visível, a partir da fala dos alunos. Para o aluno do primeiro ano “orientação profissional é o encaminhamento para começar a trabalhar”. Logo, é difícil esperar algo concreto do orientador por não deter ideia do que profissional faz verdadeiramente

Para a Orientadora é evidente o interesse dos alunos sobre a matéria. “ Eu acho que faz muita falta no Ensino Médio. Os alunos pedem muito pra gente dar essa oportunidade. Eu acho que faz muita falta no Ensino Médio.”

O orientador tem um papel fundamental na escola. Ele é o elo entre o aluno, direção, professores, família. Trabalha com a comunidade escolar como um todo. Ele vai atender os alunos nas especificidades, necessidades educacionais que ele tem, seja de aprendizagem, seja de comportamento e vai dar um direcionamento ou encaminhamento, atendimento mais constante aquele aluno.

Para a orientadora fomentar o diálogo e trabalhar os temas transversais e o projeto político pedagógico, tudo junto com os professores, seria uma forma de abordar a OP.

Percebe-se a sobrecarga da profissional, pois segundo a entrevistada “ Temos duas orientadoras para 680 alunos” a realização de um trabalho adequado é difícil.

Para ela existe um distanciamento da Universidade com o colégio. Mas, a integração desses dois espaços seria uma alternativa para aperfeiçoar a OP na escola. “Eu vejo o CEAN muito ligado a UnB, tá próximo, quase dentro da UnB. E eu sinto falta da UnB aqui mais presente no trabalho assim nesse sentido com os alunos. Até na semana Universitária da UnB, por exemplo, sinto falta de levar eles lá. Da

UnB fazer esse elo, trazer os cursos pra cá, de convidar os alunos para irem pra lá. Eu sentia falta disso. Eu acho que deveria dar atenção aos terceiros anos do ensino médio. Eu vejo que seria excelente um trabalho da UnB em parceria com o CEAN. Fundamental até porque a maioria dos alunos pretende ir para a Universidade Pública. As vezes ele não tem esse trabalho. A escola não oferece essa oportunidade de-les vivenciar isso.”

A oferta do serviço pela Universidade seria uma alternativa.

3.3. Resultados do questionário

3.3.1 Internautas selecionados aleatoriamente

O total de respondentes do questionário foi 474. À priori este seria aplicado a alunos do Ensino Médio somente, no entanto a pesquisa ganhou tamanha proporção que pessoas com nível de escolaridade diferente do esperado contribuíram com informações relevantes, conforme gráfico abaixo.

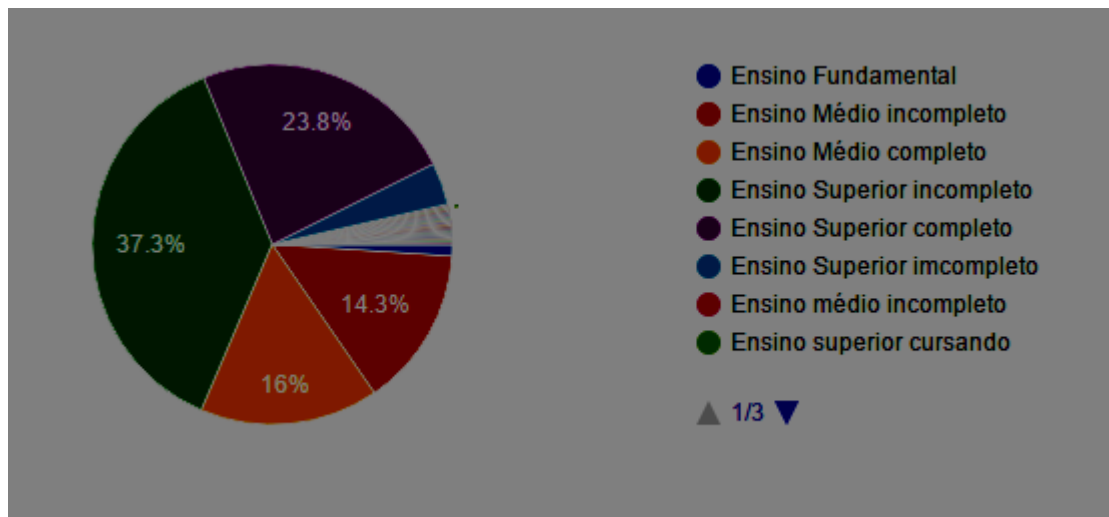


Figura 1- gráfico de escolaridade dos respondentes

Somente 145 dos respondentes são estudantes do Ensino Médio. Mas, por encerrar a OP continuada, todas as respostas de todos os níveis de escolaridade foram considerados.

Outra pergunta feita aos respondentes foi quantos deles tinha passado pelo processo de escolha da escolha do curso. Conforme gráfico abaixo 83.7% destes já tinha escolhido o curso, o que totaliza 394 pessoas que já escolheram o curso.

A grande preocupação que surgiu durante a pesquisa é se estes receberam alguma orientação e quais eram as fontes. 57% dos participantes responderam que não tiveram orientação profissional alguma.

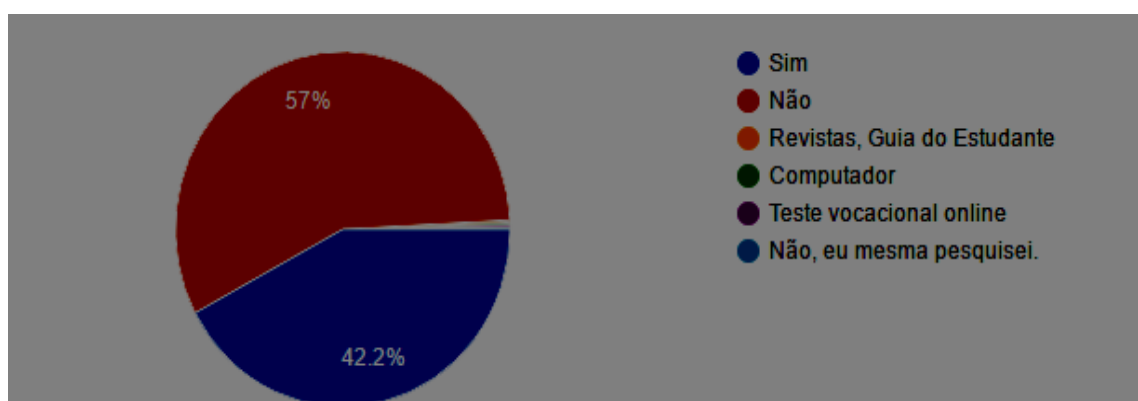


Figura 2- gráfico de orientação profissional

Muitos acrescentaram outras respostas para definir a Orientação Profissional como utilização de Revistas, Guia do Estudantes, Computador, teste vocacional online. Mas a escola é algo que não é citado em nenhum momento.

Mas, é importante considerar quantas pessoas já passaram por seleções para ingressar no Ensino Superior. Registrou-se 79.5% dos participantes que já participaram de alguma seleção para ingressar no Ensino Superior.

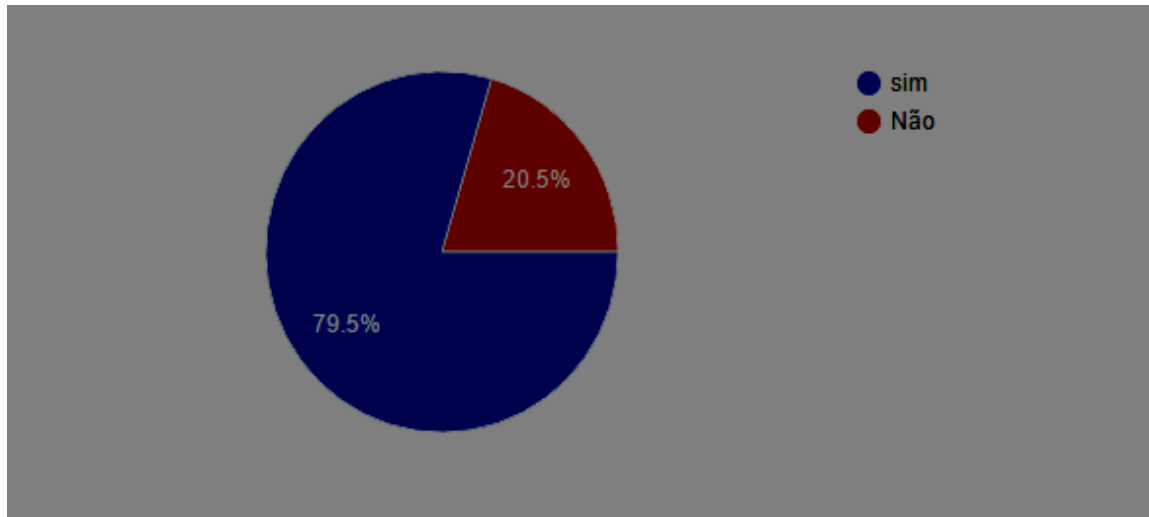


Figura 3- gráfico correspondente a vestibulandos

Como CARVALHO (1995):

Nenhum aspecto na orientação profissional individual substitui o sentir suas angústias compartilhadas, sentir aliados, companheiros e até mesmo cúmplices, enfrentando os mesmos problemas, minimizando a ansiedade; sentir que outros vivenciam dúvidas e dificuldades, poder aproveitar de outras experiências; sentir menos solidão e menos medo de crescer, num grupo que cresce junto (1995, p.103).

Considerando a OP como algo construído em conjunto com a família, escola e ferramentas pedagógicas, quando questionado quais eram os fatores que influem na escolha profissional, é surpreendente como a família é o primeiro aspecto que têm papel de primazia nesse processo, conforme gráfico abaixo.

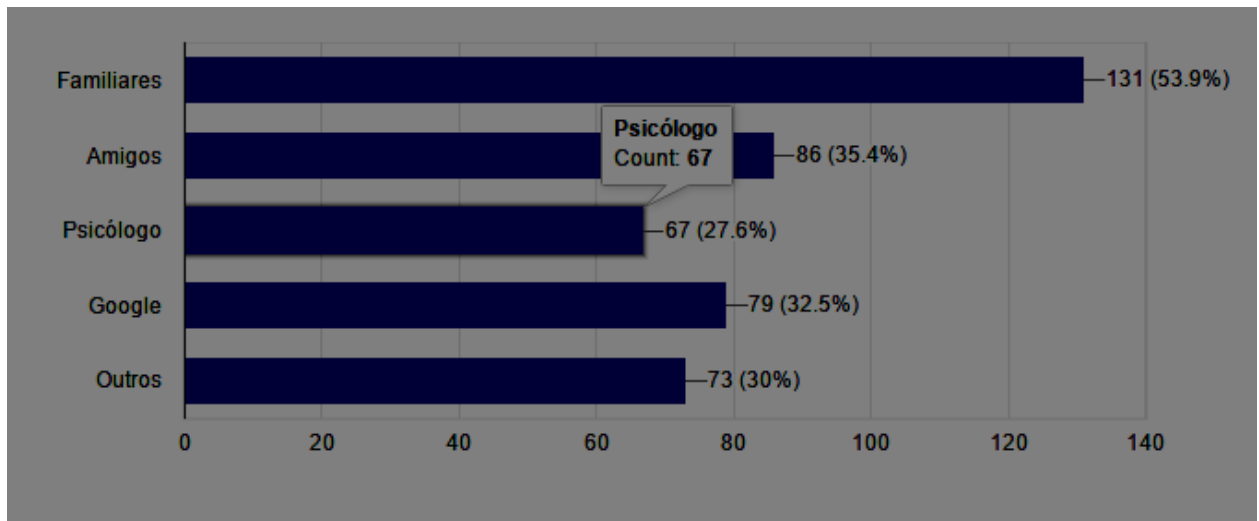


Figura 4- gráfico de fatores que interferem na escolha da profissão

É importante frisar que somente 436 pessoas responderam essa pergunta. Não fica claro o porque, mas muitos pularam essa questão. Quanto o percentual de respondentes é visível o papel da família enquanto orientador na hora da escolha. 53.9% dos que participaram da pesquisa incluíram a família como facilitador da escolha.

Durante a produção do questionário deu-se espaço para todos incluírem qualquer outra resposta em relação a pergunta, e os respondentes incluíram psicólogos e amigos como atores participantes na escolha profissional.

3.3.1. Utilizam ferramenta tecnológica para informação profissional

Considerando a era tecnológica e a imersão dos alunos a esses instrumentos, a partir da informações obtidas sobre o uso da internet, a utilização desse recurso é o primeiro indício de que a criação de um aplicativo é possível.

No questionário, numa escala de 0 a 10, onde 10 corresponde a utilização indiscriminada e contínua da rede de internet, e 0 representa pouquíssima ou nenhuma utilização da internet, 64,1% declaram utilizar a internet no nível 10, conforme gráfico abaixo.

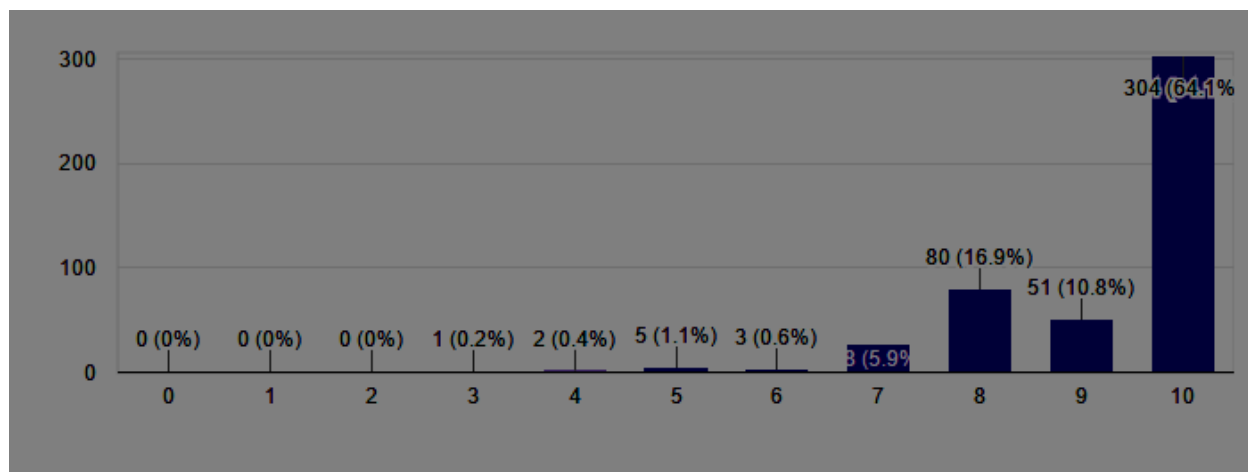


Figura 5- gráfico do percentual dos utilizadores da internet

Nenhum dos respondentes alegaram não utilizar a internet. Todos utilizam razoavelmente. Logo, há uma brecha para utilização dos recursos tecnológicos para orientar profissionalmente os alunos.

No contexto educacional, a tendência cada vez mais crescente tem sido a de focalizar o trabalho e as novas tecnologias. Realizam-se debates que discutem as formas de flexibilização e modernização, e sua coexistência com antigos modelos de produção. Questiona-se, por exemplo, se o que está ocorrendo no Brasil e no mundo é, de fato, uma reestruturação produtiva ou uma “desestruturação”. Como aliar competitividade e equidade? (Ferretti, Zibas, Madeira & Franco, 1994)

Considerando o contexto tecnológico, utilizamos a oportunidade para coletar informações sobre a possibilidade de se ter um aplicativo que trace o perfil profissional de jovens que utilizam a internet diariamente. E surpreendentemente 91,1% utilizaria o app, conforme representado no gráfico abaixo:

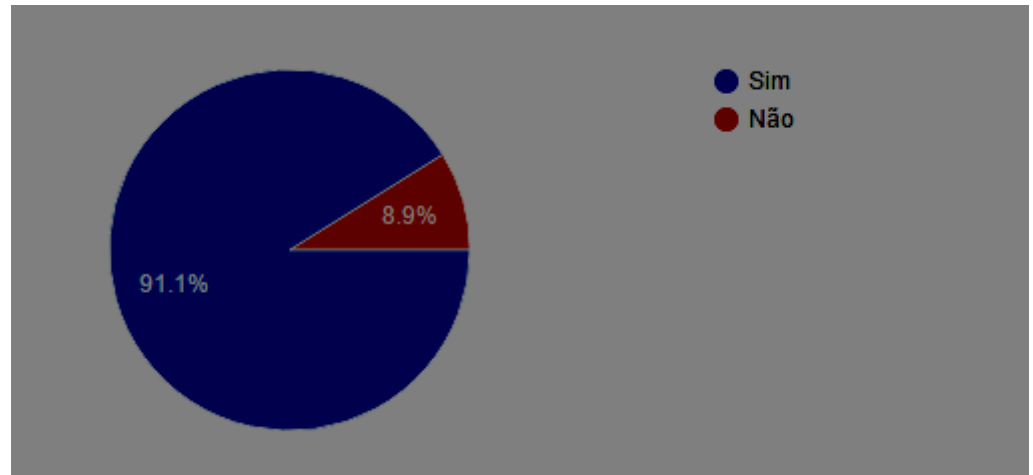


Figura 6- gráfico que corresponde ao interesse de utilização do aplicativo

Aplicativos móveis estão mudando a vida das pessoas, mas identificar os fatores favoráveis à aceitação de aplicativos móveis pelos utilizadores da World Wide Web(www) uma questão sensível e que deve ser considerada.

3.4. Interesse por utilizar aplicativo de orientação profissional

Por esse motivo, no corpo do questionário, sondamos o interesse dos respondentes sobre um aplicativo que auxiliasse a OP. Considerando uma escala de 0 a 10, em que 0 é nada interessante e 10 é muito interessante, o quão interessante eles achariam o APP. 41.1% acharam a ideia interessantíssimo, e atribuíram nota 10 na escala, conforme gráfico abaixo:

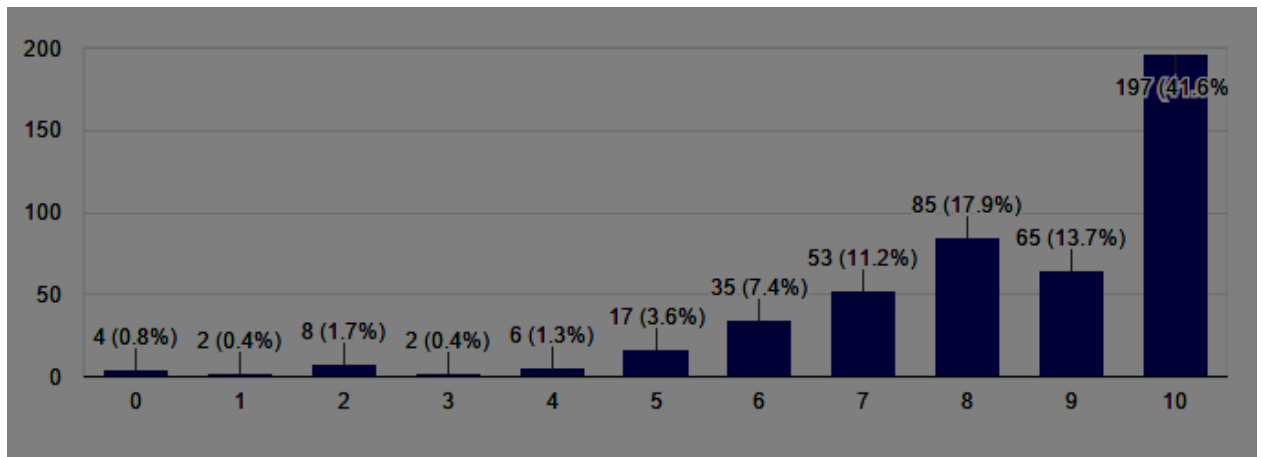


Figura 8- gráfico que corresponde a viabilidade do aplicativo

Considerando que a escala apresentada foi definida da seguinte forma, onde 1 a 2 é nada interessante, de 3 a 5 é interessante, de 6 a 8 muito interessante e de 9 a 10 interessantíssimo, o resultado do interesse dos respondentes é otimista.

Contabilizando todos os registros dessa pergunta, 95.4% dos respondentes se incluíram entre interessados e interessadíssimos no produto.

Outra informação considerada importante para a continuidade da pesquisa era descobrir o quanto o produto seria útil para os utilizadores de aplicativos. Assim como na pergunta anterior, atribui-se valor a escala para que os respondentes atribuam valor de 0 a 10, de acordo com a opinião deles sobre a utilidade do produto.

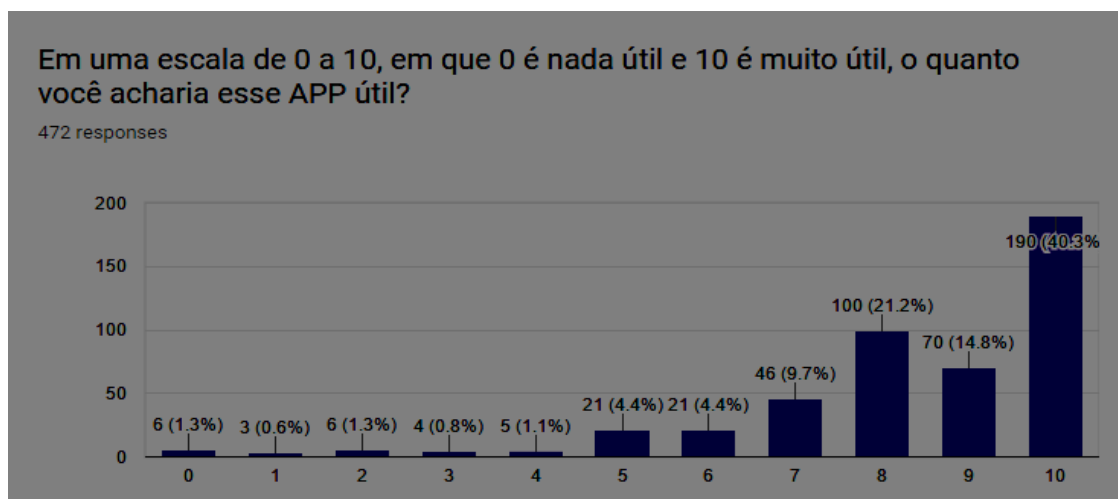


Figura 9- gráfico que corresponde a utilidade do aplicativo

A maioria dos respondentes atribuíram notas de 7 a 10, que é caracterizada como útil e muito útil.

O exposto apresenta os desafios e possibilidades da OP na era tecnológica. Com essas informações, considerando o cenário atual, a Orientação Profissional atrelada a ferramentas tecnológicas, poderá contribuir com a produção do conhecimento teórico e prático.

BOHOSLAVSKY em 1977 faz uma colocação bastante pertinente e inquietante: O que hoje está em jogo não é só o futuro do jovem que orientamos. Seu amanhã depende do país do qual faz parte; e por círculos que se ampliam, atinge o próprio futuro da humanidade. Qual é o papel que nos cabe, enquanto cientistas e enquanto pessoas, na luta em favor da liberdade e em prol de um futuro mais humano para o Homem? (1979, p. 21-22).

Costa (2007) ainda acrescenta que a orientação profissional não deve se restringir ao nível superior, mas todos os níveis sociais devem ter acesso a este serviço pois o propósito da orientação é a inclusão e não a exclusão das pessoas.

“Há uma ideia equivocada sobre o lugar da orientação vocacional no atual cenário da educação e do trabalho, pois as mudanças do próprio mercado de trabalho exigem um profissional polivalente; assim, está ultrapassado o modelo de orientação profissional pelo qual o orientando teria medidas suas características pessoais e estas se "encaixam" numa profissão (JENSCHKE, 2002).”

Não existe vocação. Existem escolhas conscientes e diretivas a atividades que condizem com nossas habilidades ou não. E o ensino médio é o momento mais apropriado para os discentes fazerem descobertas a seu próprio respeito.

Segundo BOHOSLAVSKY(1981), o futuro implica desempenhos adultos e se trata de um futuro personificado. Não há um adolescente que queria ser engenheiro, em geral, ele quer ser como tal pessoa, real ou imaginário.

O jovem projeta virtudes ocupacionais em pessoas e reproduz sua admiração escolhendo determinadas áreas específicas. O que adiante pode causar frustração e desconforto.

O sentimento de urgência na hora de decidir é outro fator dificultante, pois inconscientemente existe uma construção superficial de escolha. Muitos informações

importante são desconsiderados pela ausência de tempo.

Por isso a ideia de assistência presencial, atrelada a utilização do aplicativo a estudantes do ensino médio mostra-se uma necessidade urgente.

CAPÍTULO 4.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou contribuir para a reflexão sobre a Orientação Profissional no ensino médio considerando a era tecnológica e os impactos no processo de escolha dos alunos.

Foram definidos objetivos específicos que nortearam a pesquisa, tanto pela coleta de informações por meio de entrevista quanto por aplicação de questionário. A partir na análise e sistematização dos resultados fica explícito a importância de trabalhar a Orientação Profissional de forma continuada durante toda a educação básica.

Observando a fala dos alunos, percebe-se a carência da oferta do serviço por parte da escola e a influência da família nesse processo de seleção. A tecnologia da informação é um facilitador do processo de escolha da profissão, segundo os participantes da entrevista, pois 91.1% dos respondentes dos questionário e todos os alunos do CEAN declararam que utilizariam o *APP*.

Dentre os respondentes do questionário 84.4% atribuíram nota entre 7 e 10 quanto a viabilidade da ferramenta. Logo, este recurso é de interesse para os alunos e internautas.

A orientadora demonstra interesse na formação dos alunos e diz que a ferramenta auxiliaria muito os alunos, pois a carência de profissionais da área é algo concreto e irreversível. Pois, são muitos alunos para poucos orientadores.

Já em relação aos elementos da realidade da escola considerando a OP, a partir do levantamento de indicadores de interesse sobre orientação profissional presencial e virtual, todos concordam que essa é uma necessidade imponente.

A OP continuada sugere o processo de construção do projeto de vida, que engloba o autoconhecimento, conhecimento do outro e informações das diversas possibilidades a serem encaradas. Este resultado foi construído no formato de diagrama e concluiu-se que: o processo de autoconhecimento é o pilar do processo de seleção da ocupação. O conhecimento do outro apresenta aspectos sociais que corroboram com a ética e a moral social, que se relaciona com as relações de

trabalho.

O autoconhecimento, suporte e acesso desmembram o conceito de Orientação Profissional e a partir disso constrói-se possibilidades da construção da interface do APP.

E por fim a apresentação de possibilidades após a conclusão do final do ciclo da educação básica. Mostrar que não existe somente cursos superiores é um passo para retirar o peso dos alunos. Mas, se é de interesse dos estudantes, orientá-los não é uma opção, e sim uma obrigação.

Considerar a OP é ter oportunidade de desenvolver o autoconhecimento, ter acesso às diversas possibilidades após a conclusão da educação básica e é vivenciar as oportunidades que devem estar a disposição de todos. E, mais do que nunca, percebe-se que a tecnologia é uma aliada e deve ser utilizada.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Durante toda a graduação pensei no que faria de relevante para a Educação. Esta etapa foi concluída de forma racional, mas a emoção também permeou o processo. Acredito ter iniciado a minha jornada na área de pesquisa.

Mas, vejo que este trabalho não tem um fim em si mesmo. Existem muitas coisas para serem lapidadas na ideia. Logo, pretendo continuar este trabalho no mestrado.

Estou participando da seleção de *Master Program* para a Universidade do Sul da Califórnia. Espero dar continuidade a este projeto lá. E a Universidade de Brasília, como sendo meu espaço de formação, pretendo implantar alguns projetos como:

- Construção de um projeto piloto, chamado Orientação Profissional Seriada (OPS), que seria ofertado pela Faculdade de Educação, ministrado por alunos de Pedagogia em conjunto com outros departamentos.
- Aprofundar meu conhecimento na área de tecnologia contribuindo para o crescimento e aprimoramento da OP no país;
- Projeto de Extensão para atender alunos do ensino médio na área;
- Implementar a empresa júnior na faculdade de educação na temática OP;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, J.M. et al. O processo de orientação vocacional frente ao século XXI: perspectivas e desafios. *Psicologia science professional*. vol 22 n .3 Brasília Setembro 2002.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000300008> . Acesso em: 29/06/2017.

BASTOS, J. C. Efetivação de Escolhas Profissionais de Jovens Oriundos do Ensino Público: Um Olhar sobre suas Trajetórias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. v. 6 (2), p. 31- 43, 2005. Disponível em: . Acesso em: 23/04/2017.

BUENNE, CHRIS. O trabalho e o homem. O ser humano é o único que consegue transformar a natureza através de seu trabalho. pré UNIVESP. Universo. nº 61

BOCK, S. D. Orientação Profissional: avaliação de uma proposta de trabalho na avaliação sócio-histórica. Campinas, SP; 2001.

BOCK, S. D. Orientação profissional: A abordagem sócio-histórica. 2º edição; São Paulo: Cortez Editora. pp. 1- 190; 2002

CAMPOS, J. F. C. Modelos cognitivos. Disponível em: <<http://www.di.uminho.pt/~jfc/research/techrep/Campos93/node8.html>> Acesso em: 25 abri. 2017.

COSTA, J. M. Orientação profissional: um outro olhar. 2007. Disponível em: .<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642007000400005&lng=pt&tlng=pt> Acesso em: 26 mai. 2017.

ELMASRI, Ramez e NAVATHE, Shamkant B.. Sistema de Banco de Dados. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2005

ENGELMANN, D. C. O futuro da gestão de pessoas: como lidaremos com a geração Y?. 26 mar. 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/EH6r1t>>. Acesso em: 15 abri. 2017.

FERRETI, CELSO. Considerações críticas a respeito da orientação vocacional. Educação e Sociedade. São Paulo, 1981.

FIORIN, J. L. Tendências da análise do discurso. Estudos Lingüísticos, v.19, p.173-9,1990.

HEUSER, Carlos Alberto. Projeto de Banco de Dados. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1998.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, T. R. P. P. AMARAL. Y. R. ASPECTOS COGNITIVOS NA INTERAÇÃO HOMEM COMPUTADOR: uma análise comparativa de softwares odontológicos Revista da FARN, Natal, v.2, n.2, p. 57 - 68 , jan./jul. 2003.

MALAFAIA, G. S. Gestão estratégica de pessoas em ambientes multigeracionais. In: CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO, 7., Rio de Janeiro e Niterói, 2011. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro e Niterói: UFF, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2e0sUM8>>. Acesso em: 15 abri. 2017

MENDONÇA, C. F. Quem vem depois da Geração Y? Novo perfil de profissional já sonda o mercado. (2011). Disponível em: <<http://www.infomoney.com.br/carreira/noticia/2016720/quem-vem-depois-geracao-novo-perfil-profissional-sonda-mercado>> Acesso em: 16 abr. 15 abr. 2017

MIRANDA, A. L. Da natureza da tecnologia: uma análise da gênese da tecnologia moderna. In. Simpósio Internacional. Ciência e Tecnologia como Cultura e

Desenvolvimento - Um Enfoque Histórico, 2001 , São Paulo. Caderno de Resumos...

CIHC, USP, Nov. 2001, p. 11

SANTAELLA, L. Revisitando o corpo na era da mobilidade. In: LEMOS, A; JOSGRILBERG, F. (Org.). Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis da comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009

SOARES, D. H. P. A escolha profissional: do Jovem ao Adulto. 2º Edição. São Paulo: SUMMUS editorial, 2002. 196 p.

SOUZA, J. P . A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA, Fortaleza, 2012.

SPARTA, MONICA. Desenvolvimento da Orientação Profissional no Brasil. Revista Brasileira de Orientação Profissional, 4 (1/2), pp. 1-11, 2003

SPOKANE, A. R. (2004) Avaliação das Intervenções em Carreira. In L. M. Leitão (Coord.), Avaliação psicológica em orientação escolar e profissional. Coimbra: Quarteto.

Tecnologia e aprendizagem.
<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001585/158529por.pdf>. Computador na escola: tecnologia e aprendizagem. TICs nas escolas; v.3; n. 3; 2008. Acesso em 15. abr. 2017.

VIEIRA, Renata de Martins Faria. Elaboração de Projetos Sociais: Uma Aplicação. Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis; 2001.

VOLPATO, T; IGLESIAS, T. C; A Revolução da Tecnologia e seu impacto sobre o homem e seus Processos de Produção; XVI Semana de Informática de Paranavaí , Paraná; UNIPAR, Set, 2014, p. 1

ANEXOS

QUESTIONÁRIO - TCC

PERGUNTAS NARRATIVAS ABERTAS

- O que Orientação Profissional?
- Qual a importância do Orientador?
- O que significa escolher uma profissão?
- Comente o papel da escola no processo de escolha?
- Comente sobre a sua OP?
- Mencione recursos que você utiliza para saber sobre as profissões.
- Cite coisas, pessoas que influenciam na sua escolha do curso.

PERGUNTAS AVALIATIVAS

- Como é a OP no CEAN?
- Avalie a OP do CEAN?
- A escola têm parcerias com projetos que ofereçam esse serviço?
- Senti falta de uma Orientação Profissional presencial?
- Você utiliza a internet para buscar OP?
- Gostaria de ter um APP disponível para traçar seu perfil profissional?

EXPLICATIVA IMEDIATA

- Na sua escola têm OP?
- Como é escolher uma profissão sem orientação?
- Cite experiências escolares que te ajudaram na escolha profissional?

PERGUNTAS HIPOTÉTICAS

- Imagine que você tenha que escolher sua profissão nesse exato minuto. A única coisa que você deve fazer é acessar a internet (redes sociais, email, site de pesquisa) e frequentar uma vez por semana a Universidade. Você concordaria?

-Suponha que não exista mais orientador presencial. Somente computadores. Como seria uma orientação perfeita online?

-Você acabou de ser selecionado para ter orientação profissional em um parque de diversão, duas horas por semana, com jogos e profissionais a sua disposição. Você frequentaria as reuniões?

-Imagine que você é ministro da Educação e têm a oportunidade de instituir a OP em todas as escolas do DF. Como você faria? O que?

